



apresentam

*O Almanaque do
Macho Moderno*

Setembro de 2005

dábliodábliodáblioponto CRONISTAS REUNIDOS pontocompontobêerre

Muitas pessoas que hoje estão na faixa dos vinte e tantos anos não se renderam à internet na época de seu surgimento. Não somos diferentes. Se não ficamos ricos nem faturamos milhões com a criação e venda de um portal para investidores iludidos, pelo menos descobrimos como usá-la para publicar os textos que escrevíamos e trocávamos entre nós. Está aí um dos grandes motivos de hoje existir um grupo chamado Cronistas Reunidos.

A nossa aventura na rede começou antes do não-bug do milênio, numa quitinete em um provedor grátis, com um *site* pequeno, pessoal, amador e não lucrativo. Só que em pouco tempo as crônicas não cabiam no armário e a sala ficou pequena demais para receber as visitas. Mudamos para um endereço mais espaçoso, onde pudemos crescer, ficar ainda mais pessoais, (quase) profissionais e igualmente não lucrativos. Além de nove cronistas, o *site* abriga confortavelmente centenas de textos dos autores, dezenas de histórias de leitores, especiais como os do Glauco Mattoso e as milhares (mesmo!) de pessoas que aparecem todos os meses no www.cronistasreunidos.com.br para dar um “oi”.

Tudo está indo tão bem que até largamos nossos trabalhos, apesar do orgulho e da paixão que temos pelo mercado paralelo de charutos, pelo esforço de conhecer todos os garçons de um bar e pela militância em favor dos direitos do chester. Foi um movimento arriscado esse de abrir mão de carreiras meteóricas e tal, mas agora quem estiver passando ou quiser ouvir uns causos nos encontra em qualquer horário. Dá até, ô maravilha, para escrever um livro com o tempo que sobra! Não que tinta ou bytes façam qualquer diferença para a gente. Por outro lado, um livro pode ser uma boa. Olha só: vamos nos apresentar para quem ainda não teve a chance de nos conhecer na internet, e, de quebra, fazer com que as nossas mães e namoradas nos levem a sério.



O Macho Moderno

Em 24 de novembro de 1859, Charles Darwin publicou “A Origem das Espécies por meio da Seleção Natural”, apresentando sua teoria evolutiva. As principais teses são que os organismos descenderam com modificações de um ancestral comum, e que o mecanismo de transformação é a seleção natural, que atua sobre a variação individual, favorecendo, na luta pela sobrevivência, os seres mais adaptados ao meio. A teoria darwinista é tida como ultrapassada após a chegada do corporativismo e a promoção a chefe daquele seu colega símio idiota puxa-saco. Só que ninguém avisou a Biologia, então ela ainda tem certo prestígio entre os muros das universidades.

De acordo com os últimos estudos, a espécie humana surgiu há cerca de 4,5 milhões de anos, numa segunda-feira chuvosa, quando o pequeno macaquinho foi obrigado pela pequena macaquinha a buscar comida, já que ele tinha gastado todo seu salário com aquelas babuínas sem-vergonha que andam com a bunda vermelha à mostra. Então ele teve que deixar as árvores para caminhar em duas pernas, tornando-se o primeiro bípede da história. Assim começou a evolução humana.

Apesar das dificuldades normais da evolução, os milênios separando o *Ardipithecus ramidus* do *homo sapiens sapiens* foram felizes. Caçar mamutes com os amigos, fazer arte nas paredes das cavernas, sair no tacape com os neandertais da torcida organizada rival e puxar a mulherada pelo cabelo até a moita mais próxima. Certamente, o auge do “Macho Tradicional”. Esse reinado perdurou por séculos e séculos, até que, cerca de quarenta anos atrás, teve início um salto (r)evolucionário. As mulheres se rebelaram e começaram a alterar o equilíbrio das escalas natural e social. Em grandes rituais animistas catárticos, queimavam sutiãs e dançavam em volta da fogueira, evocando figuras pagãs já mortas como Sylvia Plath e as Spice Girls. Através dessas revoluções surgiu a nova espécie dominante: a “Mulher-Marie-Claire-Moderna-Criativa-Independente-e-ainda-por-cima-Mãe-de-Família”.

O Macho Tradicional ficou sem alternativas. Validando definitivamente as teorias de Darwin, teve que se adequar às intempéries sociais, e originou uma série de subespécies na tentativa de

sobreviver em condições adversas. Embora persista em certos clãs, o Macho Tradicional é cada vez mais hostilizado pela sociedade. Nesse ponto, há uma divergência entre os pesquisadores: uma vertente acredita na sua hostilização crescente, enquanto outra garante que, na realidade, é ele que está mais grosso com o mundo, já que, para ele, hoje em dia só tem viado e vagabunda!

As espécies mais desenvolvidas de Macho encontraram seu nicho na nova ordem, gerando uma enorme gama de variantes masculinas contemporâneas, como, por exemplo, os “Metrosexuais”, os “Artistas-Intelectuais-Sensíveis”, os “Pitbulls-de-Academia” e até os “Cantores-de-Música-Brega-Romântica”. Perfeitamente adaptadas ao ambiente, conseguem se locomover e interagir de forma integrada com seu habitat.

O grande mistério para os estudiosos era um tipo de elo perdido entre o Macho Tradicional e suas variantes atuais. Esse elo foi descoberto recentemente e denominado “Macho Moderno”.

Considerado uma espécie de transição, acredita-se que esteja fadado à extinção. Afinal, não compreende o suficiente do funcionamento da nossa época, nem tem o colhão do Macho Tradicional para se reproduzir. O motivo de ainda existirem em número considerável, perdidos nos locais mais variados, com diferentes idades, cores e credos, constitui um imenso desafio para a ciência.

Este livro nasceu para ajudar nessa investigação. Como tudo que é bom dura pouco, especialmente o Macho Moderno, tentamos registrar o que descobrimos sobre essa espécie tão interessante antes que ela desapareça. Só porque já avistaram algum espécime em estado selvagem, nas diversas situações do cotidiano, ou porque convivem com um deles em casa, domesticado, muitos acham que Macho Moderno dá em árvore. Na realidade, o Macho Moderno nunca dá – mas isso não vem ao caso. Não temos a ilusão de desvendar o enigma do Macho Moderno aqui. Porém, se a humanidade tem esperança de um dia decifrar esse fenômeno, toda e qualquer informação a respeito desse ser pitoresco é preciosa. Que as futuras gerações expliquem a história do Macho Moderno. Porque a gente continua sem entender lhufas.

C.R.

(índice)

(a) O Instinto do Macho Moderno

Homem é Tudo Igual
Resoluções
Como o Beckham se Entende?
Heléxia
Esquisitices
Gastro-psicologia
Roberto, o Homem Ideal
Genes

(b) O Macho Moderno e o Ecossistema

Coisas desse Mundo Moderninho
Dia das Bruxas
O Último Refúgio Masculino
Confirmando o Pedido
É Óbvio
Sincronizando Relógios
Seqüestro Relâmpago
Cores
Burocracias
Negociação

(c) O Macho Moderno e o Bando

Dia Mundial do Orgasmo
The Piano Has Been Drinking
Putá Mancada
Aêêêêêê
Infidelidade
Questão de Sobrevivência
Vida Boêmia
Connaisseurs
Senso de Humor
OI, RÊ!

(d) O Macho Moderno na Caça

Ela
Sala de Espera
Promessa
Sai, Sai, Sai
Hein?!
Verdades Inteiras
Uma Noite Qualquer
Flores
Só um Bombom...

(e) O Macho Moderno Domesticado

A Mulher do Walter
Imaginário Popular
Recomeço
A Mulher do Chefe
Ontem
Juliana, está Tudo Acabado
Um Homem de Família
Feliz Natal
Meleca
O Chamado
Conversa de Casal
Lendas Urbanas
Pelo Caminho
Epílogo

(a)

O Instinto do Macho Moderno

*É uma linha reta que invariavelmente faz uma curva errada
(provavelmente porque nunca pára para perguntar o caminho).*

Homem é Tudo Igual

- Homem é tudo igual, mesmo!
- Ô se é!
- Eu não agüento mais!
- Ah, eu imagino!
- Imagina?!
- Ô!
- Então, multiplica por mil!
- Puxa...
- É sim! Homem não presta!
- Ah, isso é uma verdade!
- E os que prestam, são uns trastes!!
- Ou num presta, ou é um traste. Disso não passa.
- Isso falando dos héteros, claro!
- Ah sim! Quanto mais machão, ihhh...
- Trastes!!

Silêncio.

- Olha... eu tento não pensar nisso!
- É melhor num pensar mesmo, você só se...
- Mas não consigo!
- Homem, homem, homem! Impossível não pensar, difícil mesmo.
- O que mais me incomoda, é a necessidade que a gente tem ficar com um deles!
- Ah, precisa! Querendo ou não, uma hora tem que ficar um...
- Por mais independente que for...
- As mulheres hoje em dia... Iche! Uma mais independente que a outra!
- É o que eu sempre digo!
- Você vive falando mesmo!
- Mulher é burra! A gente reclama, reclama, reclama...
- Reclama, reclama, mesmo!
- Mas se derrete toda com um homem abraçando a gente bem apertado!
- É... Com abraço num dá pra resistir mesmo!
- Mas é só passar o efeito do abraço!
- Passou o efeito e...
- É só passar o efeito que a gente começa a ficar maluca com as coisas que eles aprontam.
- Vive aprontando mesmo!
- Só apronta!
- Iche!
- Valdemar! Pára de repetir tudo que eu tou falando!
- Ah ! Eu repito mesmo!
- Que saco!
- Saco, viu?
- Nem pra defender a classe você presta!

- Eu não. Defender o que ?
- Os homens!
- Que homens, mulher!
- Os "Homens". Toda classe, homem de Deus!
- Que classe, Neidinha. A última vez que eu defendi a classe, tomei 3 dias de suspensão e quase não pude de ir na festa de formatura...
- Homem é tudo igual!
- Concordo!
- Hein?
- Concordo e assino embaixo!! Por isso que casei com você, meu amor. Agora vem aqui, e dá um abraço, vem, Neidinha.
- Ah, traste! Homem é tudo igual!

Resoluções

Nada como o arrependimento para criar resoluções. Quer um exemplo?

Você chega em casa depois de um porre daqueles. Vai direto ao banheiro. Enquanto abraça o vaso sanitário, pensa: “Nunca mais vou beber!”. Para confirmar sua decisão, solta mais uma golfada.

Na manhã seguinte, dor de cabeça. Muita água, sal de frutas e o que mais curar a ressaca. Então você murmura: “Nunca mais vou beber tanto”.

Uma noite bem dormida, as idéias clareiam, e você já consegue refletir melhor sobre o assunto: “O problema é misturar bebida”.

Meio da semana, você ouve no rádio um comentário sobre tintos. O tipo de uva, a cor, o aroma, o buquê. Forma arredondada, expande no palato, tem um retorno agradável. “O importante é saber apreciar o que toma. Não pode é encher a cara”.

Passam-se mais uns dias, um amigo faz aniversário, você na festa avisa: “Só uma taça, estou de carro”.

O vinho está bom, mas o melhor para refrescar é cerveja. No aperitivo um uísque, acompanhando o peixe um branco, com a sobremesa vai bem um licor, e a champanha na hora de comemorar. Aniversário de amigo, tem que participar, dá um abraço cara, você sabe que eu gosto de você, não eu tô bem, deixa que eu vou sozinho, dá um abraço aí, pô, Tiagão, a gente cresceu junto cara, eu te amo meu!...

Choro convulsivo.

Pronto, de poço de sabedoria a poço de álcool. Entendeu a lição?

Você não se arrependeu o suficiente. Da próxima vez, beba mais.

Como o Beckham se Entende?

- Numa boa. Com todo respeito. Mas, vá pra puta que pariu!
- Me desculpe...
- Não faça essa carinha de desentendida, não. Vamos acabar já com essa palhaçada.
- Meu senhor, me desculpe, mas não sei do que está falando.
- Eu sou o Luizão.
- Prazer, pode me chamar de Lulu.
- Eu sei quem você é. Você é o maldito Lado Feminino do Luiz!
- Não sei por que maldito. Eu tenho muita honra em ser o Lado Feminino do Luiz. Pelo seu tom rude, imagino que o senhor deva ser o Lado Masculino, não é?
- Sim, sou eu mesmo, mocinha, e vou te dizer uma coisa: não tô gostando nem um pouco dessa merda, viu. Essa bichice toda já está passando dos limites.
- Nossa! Quanta grosseria. Se o Luiz só tivesse você para guiá-lo, estaria perdido.
- Pois eu acho que muito pelo contrário. Ele tá parecendo um afrescalhado com a sua influência. Antigamente, quando ele era mais novo, não te escutava. Ou melhor, escutava, mas o meu poder de censura era muito maior. Agora ele te escuta, confia em você. Acha realmente que o que você fala está certo. Que ele fica melhor quando te escuta.
- E o senhor não concorda?
- Com o que?
- Com o fato de que depois que ele começou a me escutar se tornou uma pessoa muito melhor. Mais limpa, mais bonita, mais culta, mais educada.
- Mais bicha, mais bicha, mais bicha, mais bicha.
- Quanto machismo. Pelo visto você está precisando se atualizar. Os tempos são outros, amor. Já passamos da época em que o homem tinha que se parecer com um macaco pra mostrar virilidade. Acho que o senhor é homofóbico.
- Homofóbico o escambau. Eu sou é macho. Sou o Lado Masculino, porra! E olha, vou te dizer, é melhor você parar com essa baboseira toda. O Luiz é muito macho, sempre foi, e depois que você começou a falar essas bobagens para ele tem muita gente duvidando da sua masculinidade. Fazendo brincadeirinhas, insinuando coisas. Não gosto dessas merdas, não.
- Mas, meu senhor...
- Luizão.
- Ok, Sr. Luizão. O que eu falo que tanto o irrita?
- Bem... Vamos começar. Primeiro de tudo: essa porra de alisamento no cabelo.
- Qual o problema do amaciamento capilar?
- Meu, puta coisa de viado! Já começa que o cara vai no cabeleireiro. Macho que é macho vai no barbeiro. O Luiz nunca deveria ter deixado de cortar o cabelo com o Valmor. Aquilo, sim, era ambiente pra cortar cabelo. Agora vai num salão. Salão de beleza. E corta o cabelo com um cara chamado Billy. Tenha santa paciência. Billy? Onde esse mundo vai parar? Onde estão os aventais? Não tem. Em vez disso, usa um quimono. Daí fica lá. De quimono, lendo revista de fofoca, com o Billy. Tudo isso sem esquecer que ele fica meia hora com uma meleca branca no cabelo que mais parece... bom... deixa pra lá...
- Olha, para seu governo, todas mulheres valorizam um cabelo bem cuidado. Não é porque você é homem que não pode ter um cabelo diferente do que o seu avô usava. O que mais?
- Também tô puto com essa história de ficar comprando roupinhas de fresco.
- “De fresco”? Desculpe, não entendi. O Luiz só usa roupas normais. Camisas, calças, nada de feminino.
- Nada de feminino? Cacete. O cara comprou uma camisa rosa!

- Qual é o problema? Rosa é só uma cor, como todas as outras.
- É, sim. Só uma cor. Uma cor de viado. Isso que é. E isso nem é o pior. Semana passada ele comprou uma camisa bordada. Por que diabos uma camisa bordada?
- Ai, essa camisa é linda.
- Não me interrompe. Puta camisa afrescalhada. E, cara... Você quer transformar o Luiz numa bicha pobre. Tá gastando fortunas com essa história de comprar roupa. Estes dias foi num bazar. Quer coisa mais gay que ir no bazar? Bem, foi no bazar e comprou um terno que custou mais de mil reais. Mil reais, você tá me entendendo?
- Foi uma ótima compra. Aliás uma pechincha.
- Você tá doida! Pechincha! Na Colombo você compra um terno, um cinto, um sapato e uma gravata por 299 reais em 6 vezes sem juros. Isso é pechincha.
- Você não quer comparar o seu Colombo com o meu Ricardo Almeida, não é?
- O meu pelo menos descobriu a América e o seu... Não fez porra nenhuma, aposto.
- ...
- Ei, não foge, não, eu tava brincando... ei... droga...

Heléxia

Hélio era um amigo meu. Um tanto quanto confuso, confesso. Confúcio é um nome que continuaria a aliteração. Mas voltando ao Hélio... Depois de sua mãe levá-lo a diversos médicos, psicólogos e curandeiros, foi descoberto que, mais do que confuso, ele tinha uma doença muito particular. Tão particular que acabou levando o nome de Heléxia. A Heléxia era, basicamente, uma dislexia em estado grave e constante. Em vez de inverter a ordem das letras ou sílabas, ele invertia ou mudava completamente os segmentos da frase. Não por distração, por Heléxia.

Antes do Hélio ser esse homem que é hoje seus pais desconfiavam que ele teria uma doença típica da periferia das principais cidades brasileiras: piripaque. Felizmente a possibilidade foi abandonada quando constataram que o garoto não possuía o sintoma principal do piripaque, o troço. Hélio tinha Heléxia, e o coitado não conseguia nem pronunciar o nome de sua própria doença.

Apesar da doença, ele era um garoto super saudável: era o melhor ponta de lança do colégio, capitão de liderança absoluta. Mesmo com sua deficiência se dava muito bem com o time. Os zagueiros já sabiam que tinham que recuar a bola quando ele gritava: “Devolve meu caramujo, devolve meu caramujo!”. Na maioria das vezes a bola era o caramujo. Todos do time melhoraram em interpretação de texto depois de jogar com Hélio.

Mas nem todos eram tolerantes como o pessoal do time. Hélio se meteu em algumas enrascadas por causa de seu problema.

Lembro como se fosse hoje o dia em que eu e o Hélio fomos até a casa da Bruninha. Ou “Ampola”, como diria ele. A fixação por ela era uma coisa que vinha de berço. Os pais dela eram amigos de seus pais desde sempre, eles tinham sido criados praticamente juntos. O Helinho sempre tinha dificuldades para expressar o que sentia, mas vocês não fazem idéia de como era pior com a Bruninha. Na primeira vez (e única) que tinha tentado se declarar até então, meu caro amigo só conseguiu dizer uma frase: “Ampola, quero ser seu supositório”.

Foram dois longos anos até ele conseguir tomar coragem de novo. Afinal, ainda que não tivesse sido agradável, a Ampolinha o entendia. Mas ele não se permitia dizer uma coisa daquelas justamente ao “armário de sua vida”. Bem, dessa vez fui junto com ele para agir em caso de emergência. Assim que chegamos ele não parava de resmungar para mim: “Torce o porco, torce o porco”. Logo fiquei atento a isso. Ele tocou a campainha, quem atendeu foi o pai dela, Ronaldo Mathias, homem sério da cidade. Com a voz meio trêmula, Hélio pediu para falar com Ampola, sua girafa. Entramos na casa. Ela nos encontrou lá no fundo, ao lado da churrasqueira, e acredito que isso fez com que tudo fosse por água abaixo. Ela logo perguntou ao Hélio o que eu estava fazendo lá. “Ele veio para segurar meu espeto”.

Ele nunca se perdoou.

Mas acredito que a confusão que trouxe as piores conseqüências foi na flor de sua puberdade.

Como todo rapazote beirando os dezoito anos, Helinho foi se alistar no exército. Lógico que, como a grande maioria, Helinho não queria ser soldado. Como ele próprio dizia, “Se for pra defender meu país, que comam creme de leite”. Mas o dever do alistamento tinha que ser

cumprido. Logo de madrugada Hélio se levantou, deu boa tarde para os pássaros e tomou o rumo do quartel. Já pelas redondezas parou num posto para se informar:

- Você sabe onde eu posso pescar um robalo?

Infelizmente os frentistas não entenderam, mas Hélio conseguiu achar. Logo se posicionou na fila da letra H. O sereno ainda caía e ele tinha esquecido a blusa. Ok. Algumas horas depois chamaram o seu nome. Hélio levantou e correu em direção ao Sargento Torres. Com olhar prepotente, o sargento começou o questionário.

- Qual é o seu nome?

- Hélio.

- Hélio do que? Você não tem família?

- Tenho sim senhor. Hélio Rubens de Mello.

- Qual sua desculpa pra não servir o nosso país, “peixe”?

- Na verdade, eu tenho Heléxia.

- Que diabos que é isso, garoto? Você está ousando zombar da minha cara no meu quartel?

- Que é isso, sardento. Eu só comi seus ovos pela manhã.

Depois dessa sentença a história, como vocês podem imaginar, piorou bastante. Demorou sete dias e sete noites para Hélio sair da prisão. E de lá foi direto para o alojamento do quartel. Um ano servindo a pátria foi suficiente para Hélio se tornar um grande amigo do Sargento Torres e ganhar o apelido carinhoso de T.F.D.E (torto filho de uma égua).

Depois do serviço militar, Hélio mudou muito. Decidiu que não queria mais ser um ser integrado à sociedade. Gritou alto pra quem quisesse ouvir:

- Eu mudei e agora não vou mais fazer tricô.

A última vez em que o vi, estava em um dos bares da moda cercado de mulheres. Tinha um olhar diferente, parecia estar curado. Talvez o exército tenha feito bem pra ele, mesmo. Levantei da minha mesa e já estava de saída, mas passando pela mesa do Helinho ainda o ouvi, com seu carisma inerente, fazendo um pedido para o garçom:

- Por favor, me traz uma almôndega com gelo e limão.

Esquisitices

- Cara, agora eu me superei.
- O que é que foi?
- Eu não consigo acreditar em mim mesmo. Devo ter batido algum recorde.
- Fala!
- Acabei de comer tempurá depois de um acarajé.
- Não!
- Sério.
- Mandou bem... Mas ainda não conseguiu me ultrapassar. Eu sou muito mais esquisito do que você.
- Duvido.
- Você já almoçou comigo?
- Não, não que eu lembre.
- Pois quando almoçar, prestação. Veja se eu como a salada antes ou depois da sobremesa.
- Ah!
- É.
- Antes?
- Exatamente. E sem tempero.
- Peraí. Salada sem tempero? Nem um salzinho?
- Nada. Nadinha. O limão até fica morrendo de vontade, mas passa longe do meu prato.
- Impressionante... Tudo bem, e eu, que fui ao cinema vestido de FBI? Com crachá oficial e tudo.
- Que mico! Como foi isso?
- No meio do shopping. As criancinhas apontavam para mim. Foi divertido. “Olhalá, mãe, o moço vai me prender! Buáááá...”.
- Brincou.
- É verdade. Pré-estréia do Arquivo X.
- Aaaahh bom... então tá explicado. Mas assim, também... até eu!
- Mas eu fiz. E é mais esquisito que essa sua salada.
- Mesmo assim, há uma coisa que me faz ganhar de você.
- Conta.
- Acho que você nem vai acreditar. Vai pensar que eu inventei, sei lá.
- Fala, eu acredito.
- Lembra do Mussum? Dos Trapalhões?
- Áhn.
- Eu fui no enterro dele.
- Áhn?
- É. Quando eu tinha 8 anos, o Mussum morreu e foi enterrado perto de casa. Foi um evento e tanto.
- Áãããhhhhnnnn?
- Eu chorei muito, ele era o mais “legalzis”.
- Não acredito.
- É sério.
- Não, não pode ser.
- É verdade!
- Pára!
- Estou falando sério. Fui no enterro do Mussum.

- ...
- Eu fui!
- ...
- E então, sou mais esquisito que você ou não?
- ...
- Ei!
- Dá licença, preciso ir no banheiro.
- Por que?
- Aquele tempurá com acarajé não me fez bem.

Gastro-psicologia

- Gostei do divã novo.
- Tudo pelo conforto dos pacientes.
- É mais confortável mesmo, doutor.
- Então aproveite que está confortável para começar a contar como você está.
- Bem, doutor. Não mudei muito. Continuo com os mesmos sonhos.
- Fernanda Lima, né?
- Sim.
- Ela continua falando a mesma coisa?
- Sim. Ela vem na minha direção. Maravilhosa. Com aquelas blusas de um ombro só, sabe, doutor?
- Sei.
- A franjinha caindo no olho. Os lábios cintilantes. E então quando ela deveria falar “Fica comigo”, ela diz...
- Feijão no umbigo.
- Isso, doutor.
- E depois?
- O de sempre. Ela tira a blusa e está com uma camiseta por baixo com os dizeres “Oh mon amour te amo pra chuchu”.
- Com ch ou com x?
- Com ch.
- Hummm...
- É grave, né, doutor? Só pode ser esquizofrenia. Eu nem gosto de chuchu...
- E feijão?
- Só com bacon e da mamãe.
- É uma delícia, né?
- Nossa, se é. Com uma couve, então.
- Nossa, você já comeu... ran ran... Voltando ao assunto.
- Sim?
- Acho melhor darmos mais atenção a isso já que não cessa.
- Como, doutor?
- Na próxima sessão trarei um especialista no seu caso para ajudar-nos.
- Ok, doutor. Não sei como agradecer.
- Ah, já que você quer me agradecer, um pouco daquele feijão cairia bem.
- Hein?
- Ran ran. Não precisa agradecer, você pra mim é um irmão, meu bem.
- Ah, sim. Claro, doutor.
- Até a semana que vem.
- Até.

-----uma semana depois-----

- Olá, doutor.
- Olá. Hoje você vai conversar com o especialista.
- Especialista em que? Neurose?
- Não, culinária. Estou louco por aquela receita do feijão da sua mãe!

Roberto, o Homem Ideal

Durante anos, Roberto colheu e estudou as informações que as mulheres deixaram escapar em entrevistas, revistas e até falsos cochilos em um grupo de mulheres papeando. Aliás, foi assim que conseguiu uma das suas primeiras namoradas. O fato de ela estar cuidando dele por ele estar quase em coma alcoólico não vem ao caso. O importante é que fez todo esse estudo para conseguir se tornar algo inédito: o Homem Ideal. Algo que as mulheres procuram por todos os cantos desse mundo. A razão pela qual elas se relacionam com essa raça (homens). Essa procura que se estampa pelas *Claudia*, *Marie Claire* e *Menina Veneno* de todo o mundo.

Depois de processados todos os dados (não são listados senão seriam uma crônica por si próprios), estabeleceu seu plano de ação e começou a executá-lo.

Entrou na academia, adotou uma dieta balanceada, começou as aulas de italiano (eles são sexy, dizem elas), o inglês já sabia. Arranjou um trabalho social, fez sua empresa ir para frente, comprou um apartamento bom, nem grande (pra não esnobar) nem pequeno (um homem tem que ter ambições). Matriculou-se em aulas de jiu-jitsu (tem que defender a amada) e comprou uma porção de livros. “Homens são de Marte, Mulheres são de Vênus” foi o primeiro.

Roberto acabou gostando do seu novo estilo de vida, conversava melhor, se portava melhor, tinha dinheiro e sabia protegê-lo. Todo seu esforço começou a dar resultado e, pouco a pouco, foi colecionando novas experiências e se direcionando ao último e grande desafio: querer um compromisso. O Homem Ideal não tem medo de compromisso.

Conheceu Laura, uma mulher incrível, inteligente, sincera, segura, solteira. Se entrosaram muito bem, ela fazia francês na mesma escola que ele, logo mudou também para sua academia, pois duas horas longe um do outro era muito tempo.

Os dois ficaram juntos e felizes, mas Roberto tinha adquirido um vício – tornar-se o Homem cada vez mais Ideal. Não havia mais desentendimentos, tudo era unanimidade, ele nem assistia mais o futebol, a mãe dela era mais querida que a dele e ele até aprendeu a fazer xixi sentado.

Só que acompanhado de tudo isso veio um efeito colateral. A falta de libido. A vida sexual deles estava em perigo de extinção, apesar de estarem se falando mais do que nunca e nem precisarem discutir a relação. Ele a entendia em todos os sentidos, mas em vez de papai e mamãe estavam mais para irmãozinho e irmãzinha.

Como havia de ser, um dia sentaram para conversar sobre isso. E Roberto disse que aquela havia sido a relação mais saudável que ele já tivera, que eles se entendiam muito bem, porém que ele precisava de mais compreensão, ela não entendia as necessidades dele, ele queria uma pessoa mais sincera, mais preocupada com as causas sociais, ou seja, ele queria um Homem Ideal. Apesar de espantada, ela entendeu exatamente o que ele queria. Então, separaram-se em clima pacífico. Tornaram-se melhores amigos, mas cada um seguiu seu rumo, cada um procurando seu Homem Ideal.

Genes

Acontece desde a ameba primordial: códigos de DNA entram em mutação, incorporam-se aos descendentes e são responsáveis, dizem, pela fama do Darwin no mundo todo. Esse esquema de evolução favoreceu muito o homem, apesar de alguns problemas pontuais, como o apêndice e a preguiça depois do almoço. As feministas acham que a humanidade já atingiu o pico da evolução quando as mutações deram à mulher o gene do sexto sentido. Mas tem algo mais importante do que isso no código genético. O gene DUAM.

Todo homem já sofreu o poder do DUAM, mesmo que não saiba o que significa. O DUAM vem acoplado naquela pontinha do cromossomo X que só as mulheres têm, entre o gene do sexto sentido e aquele que faz toda mulher parecer mais gorda do que é na frente do espelho.

O Detector Universal de Ambigüidade Masculina (DUAM) é terrível. Ele pode entrar em ação a qualquer momento, e o que é pior, sua intensidade pode ser multiplicada pelo fator Murphy. É difícil saber quando o DUAM vai atuar. Ele pode ser detonado a partir de uma frase simples, banal, numa sexta qualquer:

- O que faremos esta noite, querido?
- Ahnnn... não sei... que tal sairmos com o pessoal?
- Com eles? Por que? Você não gosta mais de ficar só comigo, é isso?

Pronto. O DUAM já entrou em ação. Daí em diante, até a segunda-feira seguinte, toda frase será analisada, discutida e reverberada. Qualquer traço de ambigüidade é fatal. E de nada adianta tentar corrigir:

- Não, imagina! A gente pode curtir um jantarzinho juntos também...
- Ah, agora você quer sair comigo. Você não acha que a gente está assim, muito grudado? Toda hora saindo junto. E a nossa individualidade? Logo quando a gente começou, no inverno de 1993, não tínhamos combinado que cada um teria o seu próprio espaço? Hein?
- Calma, amor... por mim, a gente pode sair com todo mundo, ficar aqui, ou fazer um programinha juntos. Por mim, tudo tá bom.
- Então é assim? Você é um idiota, isso é o que você é! Não tem nem opinião própria!

Não tem jeito. Geneticistas, analisando o caso, chegaram à conclusão de que a melhor resposta seria algo do tipo “Não importa o que faremos, amor, o que importa é que você é especial para mim em todos os momentos e o que quero é estar ao seu lado. Você merece flores”. Esses cientistas reiteram que a frase “você merece flores” deve ser utilizada em qualquer ocasião, como forma de burlar o DUAM. Alguns deles, inclusive, estão usando esta técnica em casa. Os amadores continuam sofrendo:

- Engraçada essa história de casais que dizem “vamos dar um tempo”, né, querido?
- Pois é... Nunca ouvi falar de alguém que deu tempo... Sempre foi pra terminar mesmo.
- Ou então “preciso falar com você”.
- Hahaha... É... E tem também o terrível “discutir a relação”.
- Como assim? Você não gosta de discutir a relação?

- Nã-não, linda, não é isso... É que discutir a relação nunca é pra coisa boa, sempre é por causa de algum problema e...

- Ah, então quer dizer que, se a gente tem um problema no nosso relacionamento, é melhor deixar pra lá?

- Calma!

- Você nunca me entende, né? Por que age assim? Desde o começo, eu sabia que...

E por aí vai. Portanto, cuidado. O homem não pode responder banalmente a uma pergunta feminina banal. Cada comentário, cada resposta, cada olhar descuidado é um potencial catalisador. Talvez um dia o homem desenvolva um gene anti-DUAM. Mas vai ser difícil esperar por esses milhões de anos. Onde está a biogenética quando precisamos dela?

(b)

O Macho Moderno e o Ecossistema

*Ele pediu a namorada em casamento e ela teve um acesso de riso; sua mãe ainda o acha lindo, só que quer morar sozinha.
Mas... mas... Que merda é essa?!?*

Coisas desse Mundo Moderninho

- Papai, papai! Já sei o que quero ser quando crescer!
- Que legal! Quer ser médico? Engenheiro? Ou jornalista que nem o papai? Bom, mas de qualquer forma você vai ter que estudar muito, viu?
- Deixa eu falar, papai! Eu quero ser gay quando crescer!
- O quê?! Pára de dizer bobagens! De onde você tirou esse absurdo?
- Ah, todo mundo fala que é legal ser gay.
- Quem andou falando essa mentira para você? Aposto que foi aquele pestinha do filho do vizinho.
- O Juninho não tem nada a ver com isso. Eu decidi sozinho mesmo.
- Mas ser gay não é legal.
- É legal, sim! Sempre falam que os gays são alegres, bonitos e cheios de bom gosto!
- Eu sei, mas...
- E depois, eles tão em todos os seriados que assisto! Eles são sempre os mais engraçados!
- Er...
- Até na novela que a vovó assiste tem gays. Ela sempre adora quando eles aparecem! E você não vive dizendo que os artistas são todos gays?
- Sim, mas eu...
- E tem um dia só pra eles! Aposto que eles ganham presentes que nem a gente ganha no dia das crianças.
- Como eu posso explicar... Meu filho, escuta, para ser gay você precisa... Digamos assim, gostar de homem.
- Ah, mas os meninos são muito mais legais que as meninas. Elas são umas bocós! Não gostam de jogar bola ou brincar de polícia e ladrão.
- É isso! Se você quiser ser gay, você tem que ser mulherzinha e não homem.
- Mentira! Eu li que o homem ideal é gay! Eu quero ser homemsexual e pronto!
- É homossexual. Pelo menos, se você for homossexual, que seja um que fale certo.
- Tudo bem papai, prometo que vou estudar bastante para ser... Como é mesmo? Homossexual!

Dia das Bruxas

Estou em casa tranqüilo. O dia é bom. Aliás, o dia não é mais dia. Já é noite, e nem percebi o crepúsculo. Tudo bem. Estou bem comigo hoje. Batem à porta. Escuto umas vozes pueris abafadas dizendo: “travessuras ou gostosuras”. Lá vem esses garotos colonizados pela cultura americana. Tudo bem, fazer o quê? Corro até a porta, abro.

- Boa noite.
- Travessuras ou gostosuras!

Vejo um simpático gordinho com uma sacola relativamente grande para seu tamanho. Junto dele uma menina loira, menor que ele, com sardinhas na bochecha, olhos azuis e rosto angelical. Ao seu lado, um simpático e tímido garotinho, o menor de todos, escondido por um boné. Fico feliz em ver crianças tão simpáticas na minha porta. Respondo amavelmente:

- Vocês podem esperar um pouquinho. O tio vai ver se tem algo bem gostoso lá dentro e já volta, tá?
- Depende.
- Como assim?
- Depende do que você vai trazer pra gente. Ou você acha que nós é fácil?, responde o gordinho, com cara de poucos amigos. O tom dele me causa um certo estranhamento.
- Peraí. Veja bem. Não é assim que as coisas funcionam.
- Agora é. Esse negócio de docinho é coisa de tanga frôxa.

Sem dúvida ele passou do ponto. Num tom sério, mostro como as coisas devem funcionar!

- Muita calma nessa hora. Vamos fazer o seguinte: Eu vou lá, pego alguma coisa legal, que não vai me fazer muita falta, volto aqui. Vocês falam “obrigado!”, eu fecho a porta realizado porque dei docinhos pra crianças felizes, e pronto tudo acaba bem!
- Mais ou menos...
- Como mais ou menos?! Isso é um absurdo!

Com uma cara de quem diz “Eu não queria fazer isso”, o garoto gordinho tira um lança-chamas de dentro de sua sacola e diz:

- E aí, tio? O quê que a fruta tem pra nós?
- O que você tem para a gente! Fala certo, moleque!

Posso estar sendo ameaçado pelo pirralho que for, mas sempre mostro quem é que manda na situação.

- Desculpa. O que você tem aí pra gente?
- Ok (aliviado). Tudo bem. Já entendi.

Essas crianças de hoje em dia. Pensam que podem tudo! Fingindo ter um ataque de pânico eu digo:

- Estou apavorado, tá ? Quer que eu despenteie meu cabelo? Ufa, que susto. Vocês quase me enganaram.

Rapidamente, a garotinha loira vestida com um desses uniformes esquisitos de desenho japonês retira uma máquina de choque de dentro de sua sacola e, como uma víbora, toca minha mão dizendo:

- Tio, nós tamo falando sério, certo? Pega lá o bagulho, senão a casa vai cair pro seu lado. E olha que o Montanha nem mostrou o brinquedinho dele funcionando.

- Hahaha... Ok, belezinha... AAAAIIII!!! (um choque) Vai dar choque na sua mmãã... AAAAIIII!!! (mais um choque) Peraí gente! Vocês precisam rever os seus conceitos de brincadeira!

Não entendo mais nada. A brincadeira já não tem mais graça nenhuma. O desespero toma conta de mim. Saio, então, em desabalada carreira até a cozinha. Pego uma fatia de queijo parmesão, um pote de caviar, um Black Label, uma caixa de camisinhas. E jujubas. Tropeço na mesinha de centro da sala, mas sem parar um só instante volto esbaforido para a porta.

- Er... desculpe a demora pessoal. Sabe como é, né ? As coisas boas ficam escondidas.

- Certo...

A doce voz da menininha loira me causa pânico.

- Taqui, ó. O parmesão, esse eu recomendo! Caviar, coisa de “patrão”, do bom e do melhor, sabe? O uísque... é original, coisa boa... pode confiar! Sei lá galera, hoje em dia a molecada tá buscando o sexo cada vez mais nova, essa caixa pode ser útil aí. E... ah, é claro, jujubas! Essas são coisa fina.

Com o olhar satisfeito, o gordinho vira-se para a meiga garotinha:

- Olha aí, Loirão. O truta até que é nós na fita.

- Loirão!! exclamo aterrorizado.

- Cala a boca! todos respondem.

- E aí, chefe, a gente apaga o cara ou deixa pro ano que vem? Diz a garota, com um sorriso aterrorizante no canto boca, brincando com o saco de jujubas.

Pelo que entendi, o chefe é o pseudo-indefeso e tímido garotinho. Percebo que seu boné tem a inscrição “Paid tha cost to be da bo\$\$”. Sem tirar os olhos da garrafa de whisky ele responde:

- Sei lá, Loirão. O Tanga até que foi gente boa... Deixa o mano. Vamo só debulhar o carro dele, ceito?

- Debulhar... o quê... AAAAHHH!!! (outro choque) Porra, Loirão! Eu já dei o que vocês queriam, me deixa em paz, e pára de me dar choque!

- Sabe como é né, tio? Criança com brinquedo novo...

- Sei... AAAAHHH!!! (mais um)

- Hahahaha! Desculpe... Foi sem querer...

- AAAAHHH!!!! (preciso falar?) Porra, Loirão, pega leve!!!

- Mau aí, tio... escapou... hihihhi...

- Bom tio, valeu aí a brincadeira, você é mó da hora, disse o Montanha.

Já revoltado com tudo o que aconteceu, também não deixei barato.

- É, tô ligado. Agora sai na miúda!
- Pega leva, ô maluco! diz o tal de Chefe.
- Desculpe, senhor.

Realmente, eu não estava querendo ver do que ele era capaz. Fecho a porta, e sento ainda apavorado no chão, tentando me convencer que o pesadelo acabou. Não sei não... acho que estou ficando velho demais para as crianças de hoje em dia.

O Último Refúgio Masculino.

Outro dia alguém me disse o seguinte: "o mundo era dos homens, foi tomado pelas mulheres, e estaria sendo dominado pelos homossexuais, porém eles não contavam com os estagiários...". Essa frase faz muito sentido sim, mas eu acho que as mulheres é que estão por cima, no topo, ditando as regras.

É só pensar um pouco. Hoje, as mulheres votam, trabalham, estudam, governam, isto é, mandam mesmo. Aliás, já mandavam, só que antes, dentro de casa e agora, em todos os lugares.

Nesse mundo hostil, onde a raça dominante é tão presente, a raça dominada deve procurar refúgios seguros. Porém, homens, desesperados por liberdade e autonomia, nem sempre tem muitas opções: casas de prostituição, por exemplo, apresentam muitas barreiras: o preço de tudo é muito alto, mesmo quando se busca paz e sossego. Além do mais, os celulares de hoje tem GPS, não adianta mais usar a velha desculpa de trabalhar até tarde. Elas nos acham, nos encontram e ainda vão nos buscar.

Jogo de futebol com os amigos, doce ilusão. Enquanto você joga, mal, ela e as amigas ficam tomando água mineral, comendo salada e rindo do seu desempenho ridículo. Como conviveremos com isso? Além disso, o futebol feminino é um esporte difundido, e ela, provavelmente, vai querer jogar no mesmo clube e hora que você. Apenas uma coincidência, lógico.

Bar. Esse sim é o último refugio masculino. Bebida, comida gordurosa e um bom papo com os amigos. Não há invasão. Pena que os bares tenham se modernizado, mudado o cardápio e se adaptado a esse novo mundo, feminino. Elas também sempre vão junto, não adianta discutir. Por que diabos foram inventar a mussarela de búfala com tomate seco?

Pois bem. Só a lei, a ética e a moral poderiam nos garantir um lugar recluso e exclusivo e inviolável. O banheiro masculino. Nesse elas não entram. Será? Seria bom se fosse verdade. Esses dias eu fui na academia tomar banho, afinal acabou a água no meu prédio. Entrei feliz e contente no vestiário masculino e o que eu encontro? Crianças (meninos) desesperadas e suas mães dando ordens para todo lado. Saí do banheiro, olhei a placa... a verdade doeu: era o vestiário masculino mesmo. Voltei e bradei em alto e bom som:

- Então senhoritas....preciso tomar banho.
- À vontade.
- Mas não queria que vocês estivessem aqui.
- A gente não olha.
- Duvido, eu sou muito gostoso

Tinha cumprido minha missão, por mais suicida que parecesse. Ao menos serviria de exemplo para as gerações futuras.

Elas riram um pouco, mas finalmente saíram civilizadamente, e pude tomar meu banho.

Quando a última se retirou, eu arrumei minhas coisas na bancada. Olhei para o lado e vi as crianças, elas estavam lá, numa formação quase militar. Em silêncio. Olhando para mim. Eu sabia. Naquele momento, eu era um herói.

Confirmando o Pedido

- Por favor, eu queria fazer um pedido.
 - Qual o seu nome, senhor?
 - Marcos.
 - Pode falar, senhor Marcos.
 - Eu queria uma pizza de mussarela e uma coca 2 litros.
 - Sim, senhor Marcos. O senhor preferiria a pizza cortada em quantos pedaços?
 - Como, em quantos pedaços? Oito,oras. Existe outro jeito de se cortar uma pizza?
 - Em quantos o senhor deseja?
 - Bem, oito.
 - As fatias seriam transversais ou longitudinais?
 - Trans... o que?
 - Transversais, senhor.
 - Pode ser.
 - Com borda recheada?
 - Pode ser, mas manda logo que eu tô morrendo de fome.
 - Claro, senhor Marcos. Qual seria o recheio?
 - Qualquer um... Quais que tem?
 - Temos catupiry, banana à milanesa e goiabada.
 - Catupiry, por favor.
 - A Coca seria a normal, light, descafeinada ou com baunilha?
 - Descafeinada?! Light, eu quero light.
 - Qual será o tipo de pagamento? Cartão, dinheiro, cheque, ticket, vale transporte ou espécie?
 - Peraí, desculpa, me perdi.
 - Cheque, vale transporte, cartão, dinheiro ou ticket?
 - Se eu te pagar em dinheiro e mandar uma caixinha de dez reais, você me manda isso
- AGORA?
- Só estou completando seu pedido, senhor. O pagamento será em dinheiro?
 - Vai... Quer dizer, melhor não. Vai ser em cheque.
 - O cheque é especial, cinco estrelas, miserável, preferencial ou vip?
 - Sei lá. Acho que é especial.
 - Precisamos de certeza, senhor, senão o sistema pode não aceitar e a venda não será efetivada.
 - Especial, especial. Mas manda minha pizza.
 - Sim, senhor. Desculpe mas é que implantamos esse novo sistema para não haver chance de erro no pedido do senhor.
 - Tudo bem, tudo bem. Já está vindo?
 - Estaremos preparando, recolhendo e entregando para o senhor no prazo máximo de duas horas.
 - DUAS HORAS???
 - Sim senhor.
 - Ahhh! Tá bom, vai.
 - Até logo, senhor.

Uma hora e meia depois toca o interfone.

- Seu Marcos, o senhor pediu pizza?
- Sim, sim, já estou descendo.

Do lado de fora do portão do prédio.

- Boa noite.
- Boa noite. O senhor é o senhor Marcos?
- Sou. Dá minha pizza. Toma o cheque.
- Só confirmando senhor: pizza de aliche com borda recheada de goiabada e lata de grapette, correto?

|

É Óbvio

- E aí, gostou?
- Não sei, acho que não. Na verdade, acho que não entendi.
- Como não? Tá tudo lá.
- Não sei, não vi, acho que eu não consigo entender esses filmes.
- Mas os sinais tão todos ali. Você não percebeu o candelabro? Tá na cara que é um sinal.

Um sinal recorrente.

- E quer dizer o quê?
- O candelabro simboliza a chama da vida. À medida que vai passando o tempo, as velas vão se apagando uma a uma, para mostrar que o sentido da vida, para aquelas pessoas, está se esvaindo.

- É por isso que eles ficam no escuro o tempo todo?

- Não, nada a ver, isso é uma opção estética. Não faz parte da história narrada, entende? É um signo metalingüístico, do diretor falando com a gente. Os personagens ficam no escuro porque eles não conseguem enxergar o próprio destino, mas eles não sabem que eles estão no escuro.

- Achei que a fotografia fosse ruim.
- Não, já falei, é uma opção estética.
- Mas não podiam fazer uma opção que desse para a gente ver o que está acontecendo?
- Mas você não entende? Isso também é simbólico. A fotografia reproduz, entre o diretor e o espectador, a relação de manipulação que o filme quer denunciar. Ele nos deixa no escuro para nos fazer sentir na pele a opressão do sistema.

- Mas então o diretor está do lado do sistema?
- Não, ele não é a favor do sistema, ele está só assumindo o papel do sistema, entende?

Assim, o diretor também é um personagem do filme, só que um personagem invisível.

- Ah, tá... achei que ficasse escuro para a gente não ver as mulheres peladas.
- Não, isso é para mostrar que o sistema, ao proibir a nudez, é castrador.
- Por isso que o carinho era impotente?
- É.
- Ah... só não entendi a do cortador de grama.
- Como não? Outro símbolo da castração.
- Mas quando ele mata a guria ele não usa o cortador, ele dá nela com o sapato de salto.
- É a reversão de um fetiche burguês. Ela morre pelas mãos do oprimido, que se vinga utilizando o próprio objeto que simboliza a superioridade dela, revertendo a situação de manipulação.

- E aqueles urros?
- É um transe, o sujeito entra em transe na hora em que ele se liberta, entende? Um transe extático?

- Por isso ele arranca a roupa no meio da estação de trem?
- Não, isso não faz parte do mesmo movimento. A cena da estação é outro contexto, ela representa uma jornada agônica, como uma purgação.

- Achei que a purgação tinha sido por causa da berinjela.
- Não, você não entendeu que a cor da berinjela, metaforicamente, sugere que a dominação adquire um cunho de preconceito racial?

- Tá... mas aposto que o porquinho-da-índia não tem nada a ver com o resto.
- Como assim? Se ele encarna a manifestação imagética da condição animalésca do sujeito reificado?

- Putz, não tinha me dado conta...

- É porque você não raciocinou sobre isso. A gente não tá aqui pra consumir, você tem que participar do filme, romper o ciclo de passividade do espectador. É um ato político, um meio de manifestar o seu protesto contra a lógica de mercado que invade o cinema. Você tem que ir juntando as peças...

- É, entendi, agora melhorou um pouco. O candelabro, o cortador de grama, o sapato de salto, a estação de trem, a berinjela, o porquinho-da-índia... tá tudo se encaixando... Pelo menos os personagens podiam falar, para a gente entender tudo isso.

- Mas pra quê?

Sincronizando Relógios

Num beco escuro da periferia da cidade, três homens encapuzados de roupa preta acertam os últimos detalhes para o início da execução do seu plano ardiloso. O mais baixo, que parece ser o líder, num olhar quase paternal, pergunta aos outros dois:

- E aí, tudo certo?
- Tudo! responde o mais alto.
- OK, responde o outro.
- Então é só sincronizarmos os relógios e entramos em ação.

Os três olham fixamente para seus respectivos pulsos, pressionam os botões de seus relógios digitais, e trocam olhares dizendo:

- OK.
- Certo.
- Ahãhã.

Rapidamente os três caminham para a saída do beco, e começam a se dividir.

Quando já estão afastados por mais de meio quarteirão, o mais alto se vira e timidamente solta um grito:

- Ô...

O mais baixo finge não ouvir e aperta o passo. O segundo, de estatura mediana, pára, mas percebe que o líder continua caminhando, e não sabe bem o que fazer. Novamente o mais alto tenta gritar de forma discreta :

- Ei...

O mais baixo se vira rapidamente, e corre até o ponto inicial da separação. Os outros dois imitam a ação.

Novamente os três se encontram na entrada do beco.

- Que foi? pergunta o baixinho, ligeiramente nervoso.
- É o relógio...
- Que que tem?
- Quando você falou pra sincronizar, eu apertei todos os botões e o relógio zerou...
Fiquei com vergonha de falar...

O líder dá um longo suspiro e se vira para o outro:

- E você ?
- Que foi?
- O que você fez com o seu relógio?
- Eu apertei a luzinha... ela acendeu por uns segundos, eu não sabia o que fazer e também fiquei quieto.

O silêncio domina o ambiente por instantes, os dois esperam por uma resposta do chefe. Após um leve suspiro, ele abre a boca :

- Ufa...

Ninguém responde.

- Na verdade, continua dizendo, agora olhando para a lua, em tom confessional, eu nunca soube o que fazer quando dizem “Vamos sincronizar os relógios”.

Mais instantes de silêncio.

- Afinal, nos filmes, ninguém pergunta qual relógio vai servir de referência pros outros, e nem sempre dizem se estão usando a função cronômetro ou hora. Mas no nosso ramo...

Ele dá uma parada, olha para os outros, que, com olhar emocionado, concordam acenando com a cabeça, e então ele prossegue:

- ...no nosso ramo, as pessoas têm vergonha de perguntar o que fazer. Sabe como é, né? A concorrência é cada vez maior, o mercado está nos explorando cada vez mais. Fica difícil admitir qualquer tipo de falha...

Finalmente o mais alto resolve dizer algo:

- Mesmo porque nos filmes tudo sempre funciona de forma tão harmônica que as pessoas ficam com essa mitificação do ato da sincronização dos relógios e nem pensam na sua real função...

Os outros dois concordam acenando com a cabeça.

Silêncio.

O rapaz de estatura mediana olha para o seu pulso e timidamente pergunta:

- É... alguém tem horas? Além da luzinha, eu também acabei zerando o meu relógio...

- Não. Responde o mais alto.

- Também não, responde o chefe, eu sempre deixei o meu no cronômetro, nunca acertei as horas do meu relógio de trabalho. Medo de ser ridicularizado.

- Ah... tá certo então... Acho que tá tarde, a lua já está se pondo. Melhor irmos andando...

- Melhor mesmo, essas bandas costumam ser perigosas nessas horas da madrugada, aconselha o mais alto.

- É... responde pensativo o chefe.

E lentamente começam a caminhar, nada ouvindo além de seus próprios passos.

Seqüestro Relâmpago

O Geraldo vinha descendo a rua em passos acelerados. Não podia perder a próxima condução de jeito nenhum. Além de só passar de hora em hora, era a última lá para os lados dele. Se não pegasse aquela, ia ser complicado voltar para casa. Para você ver como são as coisas. Ficava o dia inteiro para cima e para baixo com o carro do patrão, aí chegava o fim do dia e ele tinha que sair correndo para não ficar a pé, sem condições de ir a lugar algum. Mas ele não se ressentia, não. Levava numa boa, achava até divertido o paradoxo, palavra bonita, que não cansava de martelar na sua cabeça. Ela continuava marretando as idéias do Geraldo quando ele avistou dois faróis se aproximando. Só que não eram os do ônibus.

Uma hora depois, o telefone tocou na casa da Zuleide:

- Alô?
- Boa noite. Quem fala?
- Quer falar com quem?
- Com a... Glorinalva (é isso?), faz favor.
- Olha, ela não mora aqui, mas...
- Ah, não, é? Tá bom, então.

O rapaz desligou. Virou-se para o banco de trás, onde estavam o Geraldo e outro homem. Foi com esse que ele falou:

- Ô, Sabugo, o bacana aí tá tentando enrolar a gente. Não tem nenhuma Glorinalva nesse número, não.
- É verdade isso, bacana?, o Sabugo inquiriu o Geraldo. Este, meio sem ação, tremendo, só balbuciou "É".
- Tou falando que o cara é folgado. Admite assim, na maior caruda.
- Também não é assim, Tantam. Ele tá meio estresse, só isso. Para o Geraldo: Fala sério, cebê. O que é esse telefone que você deu pra a gente?
- ...
- Olha, a gente é profissional. Quanto mais você colaborar, mais rápido acaba. Então, o que é esse telefone?
- Hum... É um... Um telefone de recados.
- Como assim, de recados?
- É, a gente não tem telefone, né, então a dona Zuleide deixa a gente dar o número dela e anota quem ligou.
- Um telefone de recados...
- É o jeito, fazer o quê.
- Ele tá zoando a gente! Ele tá zoando a gente!
- Fica na boa, Tantam. Ele tá cooperando, não tá? O Geraldo concorda com a cabeça.
- Não. Ele só pode tá zoando a gente. Todo mundo tem telefone hoje em dia!
- Peraí, também não é assim. Telefone ainda não é tão comum.
- Uma droga de uma linha custa setenta reais, pelo amor de deus. Tem que ser muito pé rapado pra não ter telefone.
- Também não precisa humilhar o cara, Tantam. Ele não tem culpa. Respeita, né, meu?
- Cacete!
- ...
- Isso é culpa tua, Sabugo!

- Minha?
- É, tua.
- Ô, per aí.
- Per aí, nada. É culpa sua, mesmo. Eu te falo que essa coisa de seqüestrar neguinho em ponto de ônibus é furada.
- A gente já discutiu isso. Não dá para ficar arriscando.
- Acorda! Você é bandido, seu retardado.
- Não precisava pegar pesado.
- Tá, mal.
- ...
- Não quero catar figurão, mas pelo menos alguém com carro. Até um carinha a pé, mas com roupa boa, e tal. Mas não. A gente vai num ponto de ônibus, a essa hora. Só pode dar nisso mesmo: um cara com número de recados.
- Nem tanto, cê tá exagerando...
- Coisa nenhuma. Presta atenção nesse aí. Na carteira, só dezoito centavos e três passes. Na conta dele, nem isso. E a gente fica no preju. É crédito de celular (para ligar para um telefone de recados, ainda por cima. Não me conformo!), gasolina. Além disso, a gente não pode ficar enrolando. Ou é na hora ou não é.

O Geraldo, que só acompanhava a conversa, não conseguiu se conter:

- Sério? Vocês não vão me levar para lugar nenhum, então?
- Claro que não! Cê tem idéia de quanto custa manter um cativo? Apesar de não ser barato, fazer isso de carro fica muito mais em conta.
- Ainda mais se você pode roubar o carro, né não, Tantam?
- Opa, só.
- Hehehehehehe!
- Aliás, o tio aqui me lembrou de uma coisa!
- É?
- Ahã.
- O que?
- O que vamos fazer com ele?
- Boa pergunta.
- É o seguinte, gente boa. Precisamos tirar algum disso aqui. Perdemos muito tempo com você, indo em caixa eletrônico, papeando aqui... Ou você paga ou a gente te apaga.
- Mas... mas... eu não tenho nada!
- Qual o tamanho da sua TV?
- Vinte polegadas.
- Devedê?
- Deixa de ser burro, Sabugo. O cara não tem nem telefone, vai ter devedê? Para o coitado do Geraldo: Tem ou não?
- Não.
- É, então desculpa, carinha, mas não vai dar não. Diz tchau aí.
- NÃO! Espera!
- “Espera”. Esperar o que, vovô?
- De repente tem um jeito de pagar vocês.

Os três discutiram mais uns minutos e partiram. Como o Geraldo tinha perdido o último ônibus por causa deles, o Tantam e o Sabugo resolveram dar uma carona para o ex-refém.

Deixaram o Geraldo perto de casa e foram embora, garantindo que não iam depositar os pr-datados antes do combinado.

|

Cores

Desde a Pré-história o ser humano se preocupa com a comunicação, seja ela verbal, por gestos, por pintura, por sinais de fumaça e por aí em diante. Um dos fatores que desde o princípio tem ajudado os homens na arte de comunicar e criar novas formas de comunicação é a cor.

Basta reparar na diferença entre filmes e programas de TV em preto e branco e coloridos. Com o uso das cores, as possibilidades visuais são muito maiores. Dá para criar mais detalhes e chegar bem perto da realidade. Afinal, existem cores pra burro! Uma são primárias (vermelho, azul, amarelo, branco), outras, secundárias (verde, laranja, preto, cinza...), agora, o pote de ouro são as milhares de variações dessas aí.

O ser humano é um dos animais que mais consegue enxergar cores e tonalidades diferentes. Vemos milhões delas. Essa característica nos permite uma visão incrível do mundo em que vivemos, pois a natureza que nos cerca é composta dos mais coloridos seres. Coisinhas felizes e meigas, como flores, borboletas, pássaros e conchinhas.

O mundo das cores parece ser algo muito definido e até acomodado; permaneceu intocado por bastante tempo. Era apenas aperfeiçoado com a criação de novas tonalidades e misturas. Porém, toda essa tranqüilidade se foi com um novo advento do mundo moderno, um advento maligno, devo acrescentar: o esmalte de unha!

Aparentemente inofensivo, o esmalte de unha é a oposição radical do mundo natural dos tons e matizes. Um contestador feroz e impiedoso da atual ordem. Seus argumentos? Não são dos melhores. Eles dizem que as cores atuais têm nomes com pouco sentimento, frios. Nomes que não correspondem a sua realidade na natureza..

Você pode até se perguntar qual o problema com as cores do esmalte. Qual o grande prejuízo para a humanidade? Para variar, não é a humanidade que sofre com esse problema, e sim os homens.

Imagina um pobre e desavisado rapaz, ali, lutando pela sua chance de tentar acessar outras das tantas belezas da mãe natureza:

- Nossa, adorei esse esmalte vermelho. É muito sexy.
- Vermelho? Ta me chamando de puta?
- Não, imagina, mas...
- Pois isso não é vermelho, é tâmara.
- Mas tâmara não é fruta?
- Então, é um esmalte da cor da fruta.
- Mas pode isso?
- Olha, eu adorei o fondue, o vinho estava ótimo... Agora, isso não te dá o direito de me chamar de puta. Aí eu não tolero. Passe bem.

Mas a ameaça também se estende para os homens sérios e estabelecidos.

- Não vai falar nada do meu esmalte novo?
- Não, puxa! Que bonito esse branco!
- Não é branco, seu grosso insensível!

- Não?
- É gelo claro!
- Ahhhh! Lógico!
- Mas é óbvio que é lógico!
- É tudo a mesma merda! É tudo branco!
- Sabe quanto tempo eu demorei para escolher essa cor? Só para te agradar.
- Branco me agrada. Gelo claro me deixa perplexo! E quando eu fico perplexo eu perco a concentração, ai já viu né.
- Ah não, de novo não! Hoje eu quero muito!
- Sinto. Vai ficar querendo!

|

Burocracias

- Com licença, esta é a casa do senhor Antunes dos Santos Neto?
- Sim, sou eu mesmo, por que?
- É o senhor? Tem certeza?
- Ué, claro. Algum problema?
- Hum... Sim. Tem como o senhor comprovar?
- Calma aí... Espere... Roubaram minha carteira com meu RG na semana passada e... Tá aqui... Minha carteira de motorista serve?
- É, tá... Acho que tudo bem... Bom, podem levá-lo.
- Levá-lo? De que... Ei!! Me larga!!!
- Ora, não faça escândalo. Só tô fazendo meu trabalho.
- Mas... O que... Para onde estão me levando?
- Ué, não te falaram? Vamos fazer uma autópsia no seu corpo.
- O que?? Mas eu ainda estou vivo!
- Não está, não. Tenho aqui em minhas mãos o seu atestado de óbito.
- Mas... hein? Que absurdo é esse? Deixe-me ver isso! Não... Não é possível! D-deve ter havido algum engano.
- Desculpe, mas não há enganos. Você foi encontrado morto ontem com seus documentos junto ao corpo. Tá tudo na lei. Preto no Branco.
- Então! Foi o cara que me roubou quem morreu!
- Pra mim não importa. Estou com seu atestado de óbito, portanto você está legalmente morto. E depois me mandaram fazer uma autópsia em você e não nesse tal cara que você diz que te roubou.
- Mas eu ainda estou vivo!
- Prova.
- Pro-Provar? Co-Como assim? Er... Estou falando com você, não estou?
- Mas isso não é prova legal atestada pelo Estado.
- Pode não ser... Mas... Precisa mesmo de documentos pra provar isso?
- Claro. Porque se eu não fizer a autópsia, quem vai se ferrar sou eu. Vão descontar do meu salário... E o que eu ponho no relatório?
- Ué, põe que eu ainda tô vivo.
- Não cola. Não sem documentos provando.
- Isso é... Isso é um... um... Absurdo! Acho que não existe nenhum tipo de “atestado de vida”.
- Então, infelizmente, tenho que dar andamento ao procedimento de autópsia.
- Peraí... Eu tenho o direito de falar com meu advogado!
- Hã? Advogado? Mas você não está sendo acusado de nada. E depois já foi comprovado pela lei que você faleceu.
- Não importa! Tenho direito a um telefonema!
- De que você está falando? Isso é coisa de filme americano. Não existe nenhuma lei falando: “Todo defunto tem o direito a um telefonema”.
- MAS EU NÃO ESTOU MORTO!
- Quer parar de dar chique? Se conforma com isso! É a vida... Aliás, a morte.
- Mas eu não estou morto!
- Tá bom, tá bom.
- Sério, eu não estou morto!
- Ahã...
- Quer me escutar? E-U N-Ã-O E-S-T-O-U M-O-R-T-O!

- E-U J-Á O-U-V-I! Agora ande logo para a sala de autópsia.
- Mas eu não estou morto!
- Tá bom... Então, como todo bom VIVO, quer se dirigir à sala de autópsia?
- Mas... Por que precisa fazer a autópsia?
- É que ainda não ficou claro o motivo da sua morte.
- Er... Então... E se... Assim... Vamos fazer o seguinte, se eu te contar como foi, então você me libera da autópsia?
- Mas isso... É permitido?
- Bom, também não é proibido. Tem uma lei falando “o defunto não pode dar depoimento sobre a sua morte”?
- É... Não tem, não...
- Então, eu te conto tudinho e assim poupa o seu trabalho de fazer a autópsia, de se sujar todo, essas coisas...
- Ainda não sei, não...
- E te pago um chopinho depois...
- É... Realmente... Acho que não tem nenhuma lei contra. Então, conta como você morreu.
- Ah... F-foi de... de... morte natural. Er... Ataque! Ataque cardíaco.
- Ué, mas eu pensei que tinha sido baleado.
- Er... Ah, sim! Fui baleado e... e depois morri de ataque cardíaco.
- Ah sim... E quem te baleou?
- Foi... foi o... Mi... Le... er... Ezequiel... Isso! Ezequiel!
- Ezequiel? Quem é esse tal de Ezequiel? Engraçado, o estilo do crime parecia com o do Bruninho Cara-de-Lajota.
- Isso! O Ezequiel é pau mandado do... quem mesmo? Bruninho Cara-de-Marmota?
- Lajota!
- É! Ele mesmo!!
- Eu sabia! Mande prender imediatamente o Bruninho Cara-de-Lajota e seu comparsa Ezequiel!
- É só isso?
- É, obrigado pela ajuda. Apesar de morto, você é gente fina! Nem vou precisar fazer a autópsia! Me poupou de um trabalhão.
- Ufa!
- Bom, é isso, então... Pode levá-lo pro crematório!
- Hã?!?

Negociação

- Oi... hum... Guichê dois?
- Qual o seu número?
- Cinquenta e seis.
- Pode sentar.
- Obrigado, eu -
- Um minuto.
- ...
- Sua ficha diz que o senhor quer encerrar seu relacionamento conosco.
- É verdade, eu -
- Qual o motivo?
- Bom, não tem um motivo específico, quer dizer, tem -
- Porque vejo aqui que o senhor está conosco há muito tempo.
- É, a vida toda. Praticamente, né? Desde -
- No cadastro não consta também qualquer tipo de problema prévio.
- De fato não -
- Nem da sua parte nem da nossa. Parece que o senhor cumpre com as suas responsabilidades. Nós cumprimos com a nossa.
- Bom, aí é que está. Nem tud -
- Entendemos que sempre haverá motivos para queixas, é o preço que se paga pelo tamanho dessa operação. Mas não acreditamos que qualquer uma delas possa motivar um rompimento. Então.
- Então?
- Explique.
- Dinheiro! O problema é que -
- Claro. O senhor está querendo dizer que nossa tabela é abusiva.
- Não, não, acontece que -
- A estratificação de acordo com a condição de cada associado torna os preços praticados justos para todos. Os valores são definidos segundo critérios objetivos e são de conhecimento público.
- Pode ser, só que -
- O senhor -
- Não tenho dinheiro! Não dá para continuar.
- Contudo o senhor há de convir que solicitar o cancelamento é uma atitude radical.
- Fiz trocentas contas: outro reajuste, não dá.
- Acreditamos que com uma revisão de sua rotina o senhor ainda tem condições de honrar seus compromissos.
- Minha rotina está sendo revisada há anos. Simplesmente não dá.
- Essa postura é contraproducente. Podemos ajudá-lo, mas apenas se o senhor quiser ser ajudado. Sempre há luz no fim do túnel.
- Tem, mas... paga taxa, sab -
- Se o senhor estiver disposto a deixar os lamentos de lado talvez possamos pensar em soluções efetivas. É preciso persistência para chegar até a última gota.
- Também pago imposto por isso, entã -
- O senhor insiste. Se faz tanta questão de jogar seu relacionamento conosco no lixo -
- Incinerador. Lixo é taxado tamb -
- Caso sua intransigência seja final e de fato não haja interesse por apólices de outro tipo -
- Não tenho, obrig -
- Pedido deferido: considere terminado seu envolvimento com o País.

(c)

O Macho Moderno e o Bando

Se merecem. Do Alpha ao Ômega, só pensam na própria sobrevivência: futebol, bunda, cerveja, torresminho, peito, churrasco com os amigos, Fórmula-1...

Dia Mundial do Orgasmo

- Mulher tem orgasmo?

Silêncio na mesa do bar.

- Como assim? Lógico que tem.

- Mesmo?

O susto havia passado e estavam todos rindo sem parar.

- Você acha que elas gritam, gemem... Por que?

- Gritam?

- Normalmente sim. Não acredito nisso.

A essa altura o bar inteiro estava se divertindo com a cena.

- Você nunca viu uma mulher gozar?

- Não.

- Nem em vídeo?

- Não.

- Então por que veio comemorar o Dia Mundial do Orgasmo?

- Vim comemorar os meus.

Mais risadas. Era uma piada, era real, era muito engraçado.

- Qual foi seu relacionamento mais longo?

- Um mês, por que?

- O que as mulheres diziam quando te largavam?

- Que eu me doava muito e que elas não poderiam retribuir e que eu merecia alguém melhor.

- Nenhuma delas reclamou da sua indiferença na cama?

- Não.

- Você tinha orgasmos pelo menos?

- Tinha. Mas nunca entendi por que logo depois elas ficavam tão putas da vida. Talvez elas quisessem ter orgasmos também...

Silêncio novamente.

- Lógico que sim. Depois do trabalho, do voto, da independência financeira e da chapinha, as mulheres também querem orgasmos.

- É verdade.

- Um brinde ao Dia Mundial do Orgasmo!

- Um brinde.

- Mas elas gozam mesmo?

- Gozam, sim...

- E sai alguma coisa?

The Piano Has Been Drinking

- Acho que o piano está bêbado.
- Do que você está falando? Olha, acho que a gente deve vender.
- Eu não sei. A carteira não me deixou pensar direito.
- A carteira?
- É. Ela ficou me encarando o tempo todo.
- Paulo, a empresa tá falindo. Os caras vão pedir nossa falência.
- Te sufoca?
- O quê, a situação?
- Não, a gravata. A minha tem crises de auto-estima. Me aperta de um jeito...
- Acho melhor a gente sair deste bar. Você está muito melancólico para discutirmos isso.
- Eu até gosto daqui. Me traz boas recordações. Só que a garçonete nunca tem um sismógrafo. Nunca! E aí ela te xinga, sabe?
- Paulo, você está bem?
- Eu estou. Mas acho que o piano tem bebido muito.
- Não presta atenção na música. Escuta. A gente tem que pensar no que fazer. Esse lance de *offshore* não ajuda.
- É verdade... E o que a gente faz com o nosso balcão?
- Sei lá do balcão! Não tem a menor importância o balcão.
- Já pensou se ele ficar que nem este aqui? Está cheio de manchas de pele. Coitado.
- Paulo, você está brincando comigo? Tá usando drogas?
- Eu não. Mas o telefone tá sem cigarros, olha lá.
- Já sei, a Marisa saiu de casa de novo, é? Não vai me dizer, que justo nessa hora em que a empresa...
- Shhhh!
- ?
- Os cinzeiros estão lá, reclamando da aposentadoria.
- Ah, eu desisto. Você está bêbado! Uma coisa séria dessas, e você bêbado. Bêbado, ouviu?
- Nããã! É o piano que está bêbado. É o piano. Não eu. Eu não. Aliás, olha o resfriado dos menus...

Puta Mancada

- Porra, Ademir, puta mancada, cara!
- Na boa, Clebão... Não deu pra evitar...
- Como não deu pra evitar?!
- Não deu, mano!
- Ah... Nem a pau! Eu não pensaria nem em beijar você, quanto mais “te catar”, mano!
- Clebão! Eu não catei você, cara! Eu catei a Belinha!
- Sei, sei... E o que você disse pra todo mundo na mesa do bar, antes de ir falar lá com ela?!
- Ah... Isso não conta...
- Não conta, Ademir?! Você fala pra todo mundo: “Essa mina até que é gata, mas eu olho pra ela e vejo o Clebão na minha frente. Olha lá, igualzinha! Se eu fosse beijar ela, ia me sentir beijando o Clebão!”, e depois você vai lá e dá uns amassos na mina. Isso não conta?
- Na boa cara, foi ela que me chamou pra conversar...
- Ah, cara, não me vem com essa. Não quero mais falar sobre isso. Puta mancada!
- Beleza, Clebão... Eu também prefiro deixar pra lá...

Um longo silêncio na mesa. Nenhum dos amigos consegue se olhar. Depois de uns minutos o Clebão diz:

- Ô...
- Fala aí, mano...
- Eu era boa?
- Hein?
- Fala!
- Você não, porra! A Belinha!
- Que seja...

Um rápido silêncio. Clebão reitera a pergunta:

- E aí... Eu mandava bem?
- Pô, cara... era bem boa...
- Sério?
- Porra... puta peitão, “*shapé*” violão, sabe? Fora a...
- Opa, opal Ó respeito, cara! Você tá falando de mim, Ademir!
- Calma aí, Clebão! Tou falando da Belinha!
- É... a “mina que eu olho pra ela e vejo o Clebão”? Pega leve, mano...
- Ah, você tá louco, cara!
- Na boa... É melhor não falar mais sobre isso... Puta mancada!
- Melhor mesmo!

Mais um silêncio. Desta vez ainda mais constrangedor. Com a face cada vez mais angustiada, Clebão não resiste e fala:

- Ô...
- Ai, caramba... Fala...
- Por que “Ai, caramba”? Só porque você me catou, já tá rolando um medo de que eu fique agora, em cima de você, que queira um relacionamento e tal?

- Hein?
- É, Ademir! Diz pra mim! Fala pra mim a verdade!
- O que você tá falando, cara?
- Eu tenho sentimentos, tá? Você só me catou porque eu tinha um puta peitão... Um “shape” de violão. Diz pra mim! Eu beijava bem, cara? Beijava?
- Clebão... na boa, acho que você...
- Acho nada! Responde pra mim! Eu beijava bem, Ademir?
- Você tá viajando, cara! Eu não...
- DIZ! DIZ PRA MIM!
- Tá bom, tá bom! Beijava, beijava! Beijava bem pra cacete, aliás!
- Sabia! Sabia! É só isso que vocês, homens, querem! É a gente se...
- CLEBÃO! Presta atenção no que você tá falando! Logo você, o maior “pegador” da galera!!
- É... mas eu nunca tinha me visto do outro lado. Machuca, tá!
- Cara, eu catei a Belinha, porra!
- Eu sou pessoa, tá?!
- Clebão, acorda !!
- Ai... acho que eu vou chorar... Me abraça!
- Ah, vai pro inferno!
- Seu grosso!
- Você está louco, eu vou embora!
- (Clebão soluçando) - Puta mancada, Ademir! Puta mancada!

Aêêêêêê

- Aêêêêêê !!!
- Porra, o que é que está acontecendo no 104?
- Sei lá, deve ser uma festa daqueles peruanos...
- Aêêêêêê !!!
- Brincadeira, esse pessoal não pára de gritar. Será que é aniversário de alguém?
- Pode ser. Ou é só uma festa mesmo, comum.
- Como assim? Festa comum? Existe festa comum? Pra mim só tem aniversário, ou comemoração de alguma coisa, ou alguma festa “festa”. Não existe festa comum.
- Aêêêêêê !!!
- Claro que existe! Você chama seus amigos, todo mundo se reúne, ficam felizes, a festa começa, e aí...
- Aêêêêêê !!!
- Ah, mas aí não é “festa”. É reunião de amigos. Pra ser festa, tem que ter alguma coisa diferente. Por exemplo, esses aí do 104...
- Aêêêêêê !!!
- ...só podem estar comemorando alguma coisa. O campeonato da Colômbia, por exemplo.
- Ué? Mas eles não são peruanos?
- Sei lá. Podem ser colombianos, também...
- Aêêêêêê !!!
- Sejam peruanos ou colombianos, eles podem estar fazendo uma festa comum, ué, dos amigos latinos, certo?
- Mas aí não seria uma festa comum, entende? É uma festa “diferente”, especial, “dos amigos latinos”.
- Aêêêêêê !!!
- Não concordo. Eles são amigos entre si, por isso pode ser uma festa comum.
- Como você disse, “pode ser”. Mas não é, porque eles estão gritando...
- Aêêêêêê !!!
- ...toda hora. E isso só pode ser comemoração.
- Mas também pode ser uma festa comum, pode estar rolando um concurso de tequila, ou então dançando aquelas músicas e tentando passar por debaixo do cabo de vassoura sem cair, ou estão fazendo uma outra bobagem tradicional do Chile...
- Do Chile?
- Aêêêêêê !!!
- Cara, essa gritaria já está me irritando. Vou lá falar pra eles pararem de gritar, já passou da meia-noite!
- Não esquenta, fica na sua...
- Duvido muito que eles vão parar sozinhos. Do jeito que esses equatorianos são folgados...
- Aêêêêêê !!!
- Até agora pouco não eram chilenos?
- Ou venezuelanos, ou sei lá. O que me importa é que eu não agüento mais!
- Relaxa, rapaz. Como você se sentiria se aparecesse algum chato de outro país pedindo pra você terminar a festa?
- Pôxa, mas alguma hora essa comemoração tem que acabar!
- Comemoração? Por que você insiste com isso?
- Aêêêêêê !!!

- Olhai! Tá vendo? Eles não param de comemorar alguma coisa! Devem estar saudando o aniversariante, sei lá...

- Aniversariante? Tá maluco? Ninguém grita tanto assim pra um aniversariante. Nem pra uma final de campeonato. Se fosse uma final de basquete...

- Aêêêêê !!!

- Vou matar esses paraguaios!

- Calma...

- A próxima vez que eles gritarem, eu juro que eu vou lá e acerto a cara de algum muchacho. Espera só, que agora eu quero ouvir eles gritando !

- Calma!

- Vamos, gritem seus cucarachos!

- Fica frio...

- Gritem!!!

- Relaxa...

- Ué?

- Ué...

- Pararam?

- Pararam!!!!

- Maravilha. Finalmente podemos jogar em paz, então.

- Ótimo !

- Truuuuuuuuuuuuuuuuuco ladrão!!!

- Seeeeeeeeeis!!!

Infidelidade

- Seu Flávio! O que está acontecendo aqui?!
- Calma aí, seu Gregório! Não vamos fazer um escândalo no meio da rua. Eu posso explicar.
- Não precisa explicar nada! Eu te peguei saindo da banca do seu Matheus! Como ousa a comprar em outra banca de jornal? A minha banca não te satisfaz mais?
- Não é isso seu Gregório. É que eu estava de passagem...
- E resolveu comprar um jornal do seu Matheus rapidinho? É o que todos dizem. Essa geração promíscua! Eu pensei que você fosse diferente.
- Deixe-me terminar de explicar... Eu estava de passagem e parei para comprar um cigarro. Só um cigarrinho, juro! Você sabe que eu sempre compro o jornal de você, né?
- Nem vem com esta história! Então para quê essa sacola?
- Que sacola?
- Essa que você está escondendo aí atrás! Passa para cá!
- Que isso, larga de ser desconfiado, seu Gregório! Não confia mais em mim?
- Deixe-me ver essa sacola! O que? Uma daquelas revistas com DVD?! Você nunca comprou dessas comigo!
- É que... É que o seu Matheus me deu um desconto...
- Você podia ter falado comigo! Você sabe que também teria dado. Não precisava ir até outra banca! Se lembra daquela vez... snif... Daquela vez que... snif... Você havia perdido aquele número da revista que colecionava... E eu... Eu consegui para você... E é assim que me agradece? Ingrato!
- Mas foi um desconto de 30%!
- E nossos 20 anos de relacionamento? Não contam? Se você tivesse me trocado por uma assinatura eu até compreendia. Iria ser duro, mas entenderia. Sei que é difícil competir com a facilidade da entrega em casa, e ainda com todas aquelas promoções.
- Não, eu nunca faria isso com você.
- Lembra do seu Cláudio? Ele também sempre repetia isso. Não deu 6 meses e o canalha já me trocou por uma assinatura. Quando ele me via fazia questão de atravessar a rua e esconder o rosto, só de vergonha de falar comigo. Mas eu superei. Hoje em dia ele até aparece de vez em quando para comprar uma Veja de domingo. Mas você? Você me trocar por uma revista com DVD do seu Matheus?
- Mas não significou nada para mim. Você sabe que eu sempre irei comprar jornal com você. Foi uma fraqueza de momento. Não, não faça essa cara.
- E que cara você acha que eu deveria fazer? Eu confiava em você... E... E... snif...
- Não chore, seu Gregório... Vem cá... Eu prometo que compro todas as edições dessa coleção de DVDs.
- Snif... snif... Até aquela edição do Cid Moreira lendo a Bíblia?
- Sim, até essa.
- Snif... Então tá... Mas antes me prometa que nunca mais irá fazer isso.
- Eu prometo, seu Gregório, eu prometo...

Os dois se abraçam longamente enquanto seu Flávio esconde o contrato de assinatura recém adquirido.

Questão de Sobrevivência

Laura queria conhecer os amigos de Luiz. Coisas de namorada. Só não sabia que eram daqueles amigos mamutes que saem para beber toda sexta naquele mesmo bar barato, decorado por mesas de metal fornecidas por uma cervejaria de quinta, onde o garçom era conhecido por Jorjão, que os munia de petiscos engordurados para acompanhar a cervejinha servida em copos americanos. Não era exatamente o lugar onde Luiz, um namorado gentil e exemplar, costumava levar sua namorada, sempre arrumadinha e perfumada. Hum... Namorada... Amigos ogros... Não parecia uma boa idéia. Mas sabe como é, ela insistiu tanto para conhecer os amigos dele em seu habitat natural. Então não havia alternativa senão levá-la ao bar do Manecão e conhecer o Fabão, o Gutão e o Neyzão.

- Ô Luizão! É essa a tua baga?
- Porra, Fabão! Larga de ser viado! Respeito com a Laura!
- Uiuui... Dando uma de machão só porque tá com sua minazinha...

Depois de incontáveis palavreados gentis referentes à mãe alheia, Laura já começou a olhar para o relógio. Estranhamente (ou não) ela foi a única que não achou graça nenhuma quando o Neyzão fez um comentário sobre a lingüicinha que o Fabão comia. Bocejou algumas vezes até que, no momento mais animado da conversa, quando o Gutão relembrou o dia em que o Neyzão tinha ficado com um travesti, ela soltou o famoso: “Ô mor... Vamos embora?” Diante de tal argumento (e da cara de tédio de Laura), não restou outra opção a Luiz a não ser terminar seu comentário sobre o timão e partir imediatamente.

No caminho de volta a contabilização do saldo da noite:

- “Luizão”? Eles te chamam de Luizão?
- Qual o problema?
- Fabão, Gutão, Neyzão... O que vocês têm com aumentativos?
- É assim. Você tem que mostrar respeito. Imagina um marmanjão me chamando de “Luizinho”. Não pega bem.
- Pois é, “Luizão”, como você muda na frente dos amigos. Nunca tinha ouvido você falar palavrão.
- É uma questão de sobrevivência. Tem que ser agressivo, marcar território. Senão eles te dominam!
- De que você está falando?
- É simples. Imagina se te chamam de “cuzão”. O que você responde? “Seu bobo”? Não! Responde com um “E sua mãe dirige caminhão na marginal sem camisa!”.
- Que infantilidade.
- Também acho. Mas tem que impor respeito. Respeito é tudo! E um toque de criatividade também ajuda.
- Não gostei do “Luizão” que conheci hoje.
- Eu tenho que ser assim. É um mundo sujo.
- Não liga pra eles, só dizem bobagens.
- Ignorar é pior. Eles te comem vivo!
- Mas são seus amigos!
- Por isso mesmo. Os amigos são os piores. Têm mais liberdade, sabe? Por isso tem que ficar sempre atento. Em tudo que você disser, eles tentarão encontrar algum duplo sentido.
- Ai, que horror!

- É assim mesmo, portanto, nunca, mas NUNCA mencione nada sobre “dar”, “chupar”, “pegar” e muito menos refira-se a qualquer objeto fálico – quanto maior, pior.
- Que paranóia!
- Sobrevivência, sobrevivência...
- Machismo! E aquele papo sobre “fio-terra”? Aposto que todos já experimentaram com a namorada e ninguém admite. Semana passada mesmo a gente...
- NÃO! Nunca ouse mencionar nada sobre isso! Eu nego até a morte!
- Por que? Isso não tem nada a ver com falta de masculinidade.
- Mas vai explicar isso para eles! Eles nunca te ouvirão. E cada palavra que disser ficará pior. E isso será lembrado por toda minha vida!
- Que exagero!
- É assim. Amigo é gente que lembra. Colocarão em minha lápide: “Luiz, aquele do fio-terra”, só para eu não ter paz nem depois de morto.
- Eu não entendo, então por que vocês continuam amigos?
- Assim são os amigos,oras. Para beber cerveja, falar sobre futebol e sacanear um com o outro.
- Aliás, eu nem sabia que você bebia, nem que gostava de futebol.
- Bom, na verdade eu só bebo com eles, sabe como é, para pertencer ao grupo. Imagina o quanto eles pegariam no meu pé se eu chegasse no bar e pedisse um suquinho de pêssego. Ridículo. O Jorjão iria me expulsar de cara.
- E o futebol? Por que nunca me disse que gostava de futebol?
- Eu odeio! Mas eu tenho que me manter informado sobre os jogos, senão não tenho assunto no bar, né? Vou falar de vôlei?
- Se você não gosta de cerveja, não gosta de futebol e acha infantil ficar pegando no pé um do outro... Então por que você continua amigo deles?
- Ah, Laura... Amigos são amigos...
- Continuo não entendendo...
- Esquece, acho que você nunca vai entender.
- Humpf... Homens...
- ...
- ...
- Er... Laura?
- Que?
- É sério... Nunca comente nada sobre o “fio-terra”, ok?

Vida Boêmia

Eram quatro amigos. Desses das antigas. Amigos de faculdade, que, durante anos, iam beber naquele mesmo boteco depois das aulas. Com o passar do tempo, esses encontros se tornaram cada vez mais escassos. A vida, enfim, domou a rotina boêmia; esta trocada por mulheres, filhos, família, trabalho, responsabilidade. Mas da chama boêmia ainda resistiam algumas fagulhas, o que levou aqueles quatro velhos amigos a se reencontrarem.

O antigo boteco da faculdade há muito havia fechado suas portas. O centro da cidade não era mais aquele marcado em suas lembranças. A solução foi apelar para um daqueles guias que acompanham as revistas semanais. Optaram por um lugar recém-aberto no Itaim, muito bem conceituado pelo guia.

Chegaram e se aconchegaram em uma mesa. Aguardaram o garçom. Surge uma figura jovem, com cabelos espetados, piercing na sobrancelha, todo vestido de preto.

- Pois não? Em que posso servi-los?
- Nós estamos esperando o garçom.

- Eu sou o garçom de vocês. Pode me chamar de Dee Jay.
- Di Jêi? Isso lá é nome de garçom?
- Ah, bons tempos em que os garçons se chamavam Silveira ou Leôncio.
- Ninguém mais se chama Leôncio hoje em dia.
- Deixa disso pessoal! Dee Jay, traga uma cervela gelada para começar.

- Só temos chope.
- Que absurdo! Vamos para outro lugar!
- Será que eles têm Malt 90?
- Não fabricam mais essa cerveja.
- Então quatro chopes, certo?

- Claro. Chope normal? Ou prefere com menta ou groselha?
- Groselha no chope? Aaaaargh!! Prefiro uma caipirinha, então.
- Chope bom era o do Polônês. Alguém sabe que fim levou o Polônês?
- Morreu em 88.
- Então anota aí, Dee Jay. Uma caipirinha e três chopes normais.

- Ok, três chopes. A caipirinha é de que? Limão, morango, kiwi, frutas vermelhas?
- Frutas vermelhas? Que diabos são frutas vermelhas? Tem caqui também?
- A Dona Clotilde fazia um doce de caqui...
- Morreu também.
- Traga uma de limão, tradicional.

- Então são três chopes e uma caipirinha de limão. Caipirinha de pinga, vodka ou saquê?
- Quem em sã consciência ia botar saquê na caipirinha? Vamos embora!
- Eu falei para irmos para o Bar do Pascoal.
- Fechou em 92.
- Ô, Dee Jay, são três chopes normais e uma caipirinha de limão com pinga.

- Adoçante?
- AAAAHHHHH!!
- Irrcc...
- Tsc, tsc...
- Não! Sem adoçante. E traz uma porção de calabresa, dessas tradicionais mesmo. E sem mais perguntas!

Quando o Dee Jay chegou com os pedidos, aquela chama definitivamente se dissipou. Não há boemia que resista ao molho de maracujá em cima da calabresa.

Connaisseurs

- Agora, sim! Aqui, de frente para... - as palavras falham. Indica do que fala só num gesto ao mesmo tempo de reverência e incredulidade, abanando os braços enquanto abaixa a cabeça. Aí faz uma pausa. Respira fundo. Continua. - Agora dá para entender a urgência.

- Não falei? Não falei?

Para quem ainda tem dúvidas, não custa esclarecer: trata-se de um trecho notório, não, mais ainda, obrigatório, de dois homens entregues a uma prática saudável e muito cara ao gênero – a alimentação de obsessões. É um padrão tão observado, estudado e repetido que a expressão seguinte só pode ser “E aí?”, “Então”, “Que tal”, ou outra pergunta que permita ao outro finalmente entrar no jogo, encaixando uma opinião já de saída; algo como:

- Robusto!

Como relações dessa natureza são baseadas no respeito e admiração mútuos, e até por uma questão de educação, essa primeira sentença é recebida com uma virada de olhos para cima, que pode ser traduzida como “óbvio” ou “dãããã”. É uma forma elegante de indicar ao outro que ainda é a vez dele:

- Mas, olha... Apesar de encorpado, não sei, parece que...

- Sim?

- Espera... Preciso ter certeza... Talvez...

- Deixa ver se adivinho. Não sabe se é cítrico demais ou se está no ponto certo.

- Isso! É exatamente isso! Você... Né?

- Sem dúvida. Essa pergunta me atormentou que você não faz idéia.

- E qual a sua conclusão?

- Então... - abre um sorriso de antecipação. É a deixa para o outro. Completam a resposta num coro - Não tem fórmula!

“Não tem fórmula” é perfeito. “Não tem fórmula” é melhor do que dizer “Perfeito”. É a fronteira final. O limite da eternidade. A certeza de que o assunto é inesgotável e que, bom, já deu para pegar a idéia.

- Se você prest - não conclui. Se interrompe, corta a gafe no meio. O convidado ainda não acabou. Ficou barato, só na censura ocular. Cabia fácil o “shhh, shhh”. Foi por pouco. Mirim, mirim.

- E macio. Bem macio. Aposto que é daqueles que ainda por cima vai melhorando com o tempo... É ou não é? - O outro só faz aquele movimento: cotovelos para trás, mãos espalmadas coladas no peito. Aquele. - Sabia! Só podia!

Ah, a satisfação!

- Tem mais. Chegou a -

- Reparei, claro; ô se reparei!

- Uma beleza, uma beleza... Lindo trabalho...

- O tanto exato de madeira. Nem mais, nem menos; na medida para valorizar o todo, o conjunto, sem roubar a cena.

- A classe típica dos produtores.

- Quase uma assinatura... -

Olhar cúmplice. Contentamento transbordando.

- Aliás, para quem conhece, para quem realmente conhece, isso é a assinatura.

- Já que falamos da assinatura... Consegue dizer o ano?

- Que é isso agora?! Pegadinha...? A essa altura? Faz favor, né?

- ;-)

- Mas sabe o quê? Quem vai te pegar sou eu. Quer saber o ano? Vou dizer!

- Sério? Porque nos últimos -

- Eu sei. Todos têm essa mesma característica. A mesma "assinatura". Mesmo assim, aposto que acerto.

- Você é que sabe...

- Pronto?

- Manda.

- 2-0-0-3. Dois mil e três.

Espanto. Emoção. Estupefação.

- Como...?

- Fácil. Aqui, ó - inspirando. O outro acompanha - Está vendo?

- O aroma?

- Sim.

- É baunilha. Extrato clássico.

- Não, não. Tenta mais uma vez. Presta atenção - os dois inspiram de novo.

- Tá...

- Achou?

- Achei. Bem leve, tem um traço novo...

O êxtase, o êxtase.

- Tem. Uma fragranciazinha leve, leve... Incidental... Um detalhe exclusivo, coisa fina, que ninguém mais tem...

- Parece familiar... O que é?

- Babaloo banana!

O ÊXTASE! O ÊXTASE!

Senso de Humor

Dois amigos dividem a mesma mesa. O bar é daqueles com chão de losangos brancos e pretos, com balcão e baldes de secos e molhados, mesas rústicas de madeira escura e chope circulando em profusão. Cena clássica de começo de crônica. O impasse, nesse caso, é a porção de calabresa que um deles ainda não tocou. Coisa que, claro, deixa o outro contrariado.

- Pô, qual o problema? Não vai comer, não?

- Vou, vou...

- Então, vamos lá! Não precisa ficar tímido depois de tanto tempo: pode cair de boca na lingüiça!

O um não riu. Só comentou, num tom:

- Taí.

- Taí o que?

- Taí o problema. Essas piadas. Esse bar. Eu. Você. Tudo isso aqui e mais um monte de coisa.

- Que tem tudo isso?

- Pára e pensa um pouco. Você não consegue ver nada errado?

O outro já estava levando a sério. Não sabia o que era, mas estava levando a sério.

- Não, está tudo como sempre... Não está?

- Há quanto tempo a gente vem aqui?

- Faz tempo. Uns seis anos, mais ou menos.

- Isso. Quantas vezes?

- Pelo menos uma por semana.

- Exato. Isso dá mais ou menos quarenta e oito vezes por ano. Ou cento e noventa e poucas em seis anos.

- Tá. E?

- Há quanto tempo a gente não faz uma piada de duplo sentido decente? Umazinha que seja que não tenha cara de piada da *Playboy*? Que não lembre aquelas piadas de tiozinho bêbado em festa de casamento?

- Putz, não sei. Não tinha reparado.

- Eu te digo: um tempão. Desde antes de sobrarmos só eu e você aqui.

- Putz!

- É...

- Putz! Eu não tinha reparado. Não tinha mesmo.

- Pois é. A gente não reparou mas virou esse povo que faz piadinha de "lingüiça".

- A gente faz piada de tiozinho de casamento.

- É.

- Putz.

- É.

- Putz. Tiozinho de casamento.

- E a gente tá vivendo no bufê, ainda por cima. Pega esses garçons, por exemplo. Lembra quando a gente começou a vir aqui? Quem atendia a gente?

- O Gabiroba. Às vezes, o Jambarjan.

- Perfeito. Ninguém sabia o nome deles. Nem eles deviam saber mais. Eram os Gabirobas, os Jambarjans, o que fosse. Velha escola total. Mesmo depois deles... Lembra quem veio depois deles?

- Lembro, claro. O Merval!

- O Merval. O Merval tinha nome próprio, ok, mas olha o nome. Foi a Era de Prata. Uma geração de garçons com nome, mas com aura, entende?

O outro concordava com pequenos suspiros. O um respeitava a pausa e seguia:

- Naquele tempo a gente também era velha escola. Cultivava o improviso, arriscava. Evitava metáforas de futebol. Evitava piadas de “lingüiça”.

- Putz.

- Olha para a gente agora. Vem, enche a cara, reclama da mulher, da falta de mulher, do emprego, da falta de emprego... A gente é como esse aqui – apontando com a cabeça para o garçom, que trazia a enésima rodada – nem Gabiroba, nem Jambarjan... No fim das contas...

- ...não passamos de Cristiano...

- Isso aí. Nosso senso de humor é como eles, uma lembrança. Evaporou. Sumiu sem ninguém perceber.

- Putz.

Ficaram os dois em silêncio, olhos marejados, mandando ver no chope. Quando pediram a conta o Cristiano trouxe, por cortesia, a saideira.

Aqueles dois ainda faziam muita gente rir.

OI, RÊ!

- Se você pudesse fazer uma pergunta a Deus, qual seria?
- Não sei, não. Só uma?
- Sim, só uma. O que quiser, mas só uma.
- Pô, cara. Pergunta difícil.
- Pensa aí. Rápido.
- Você sabe o que você perguntaria?
- Eu sei, mas quero saber de você.
- Fala a sua. Talvez me dê uma idéia.
- Bem, eu perguntaria qual é o telefone da Rê.
- Rê? Que Rê?
- Como assim que Rê? A Rê.
- Você diz “a” Rê?
- É, caramba: a Rê.
- A Rê, angelical, maravilhosa, soberana, nunca-vou-ficar-com-um-mortal Rê?
- Isso, cacete!
- A Rê daqui da faculdade, você diz.
- Isso.
- Pô.
- Que?
- Boa pergunta.
- É. Eu sei. Pensei muito tempo nisso. Decidi que isso era a coisa mais importante.
- Agora você me ferrou. Tava pensando numas perguntas, mas todas meio babacas, tipo “Haverá paz na terra?” ou “Existe vida em outros planetas?”.
- É. Tem que pensar direito. Afinal, é o cara, né? Só uma chance.
- Você tinha alguma segunda pergunta de reserva? Talvez eu possa usá-la.
- Na verdade, eu tenho sim. Mas não sei se devo contar.
- Ah, larga de charme. Conta logo.
- Minha segunda pergunta é totalmente diferente da primeira.
- De que tipo? Mais profunda?
- É. Mais ou menos.
- Fala logo, então.
- Minha segunda pergunta é qual é o endereço da Rê.
- Putz. Mandou bem de novo, hein?
- É. Essa é ousada.
- De vez em quando você tem que arriscar, né.
- É. Quem não arrisca não petisca.
- Mas voltando ao assunto. E aí? Qual seria a sua pergunta?
- É muito difícil falar de uma hora pra outra...
- Se esforça.
- Já sei!
- Fala.
- Nossa, perfeita! Como não pensei nisso antes?
- Fala, então.
- Cara, eu sou um gênio.
- Fala logo, então, caramba!
- Eu perguntaria qual é o e-mail da Rê.
- Nossa! Nessa eu não tinha pensado.

- Boa, né?
- Fantástica.
- Vê? Nós sabemos as perguntas. Só não temos a oportunidade.
- Verdade.

- Oi meninos.
- OI, RÊ!
- Olha ela aí.
- É. Deus, cadê você nessas horas?
- Sacanagem.

(d)

*O Macho Moderno
na Caça*

Magicamente perde a capacidade de fazer a coisa certa. Perpetua a espécie quem conseguir passar por isso. Ó luta, meu Pai!

Ela

Ela era linda! Seu perfume invadia o corredor por onde passava. Todos notavam. Todos sentiam. Olhar para ela ativava os hormônios, os sentidos!

De longe, era a mais graciosa e elegante figura que já se viu na 8ª série. Morena, olhos castanhos como duas pedras de bálsamo inglês. Nunca vi um bálsamo inglês, mas deve ser lindo! Seu cabelo sedoso. Cheiroso.

Eu, um pobre coitado. Mal cabia nas minhas próprias roupas. Coisa de adolescente que cresce mais rápido que o tempo livre para as compras. Era um sujeito comum. Tomava banho todo dia e ia pra escola, mas o perfume dela era mais forte. Não havia quem não notasse. Se por acaso deixasse cair o lápis, ah, todos em um só movimento se abaixavam e pegavam o pobre coitado do lápis. O lápis dela!

Decerto, muitas notas foram diminuídas pela falta de atenção na aula. Era impossível olhar para a lousa. Não havia matemática, português, nem educação artística que desse conta de interessar aos caras como nós. E se ela sentasse na sua frente?! É... Na minha frente! Eu bem que me esforçava nos estudos. Mas era covardia. Imagine como acelerava o meu coração só de ouvir sua voz se dirigindo à minha pessoa – carinhosamente. Pedindo a borracha emprestada. Borracha é uma coisa que tem um valor muito pequeno quando se é jovem, serve mais para munição nas guerrinhas de sala de aula. Mas eu tinha muitas. Tinha tantas quanto ela precisasse. Imagina se eu ia deixá-la sem a borracha?! Nem pensar. Ela era minha inspiração diária. Era ela que me fazia ir à escola. Ela era a minha “garotinha ruiva”!

É. Mas o dia mais triste da minha vida foi quando ela me convidou para sair. VOCÊ PODE IMAGI... Calma. Ela-me-convidou-pra-sair! Você sabe o que é isso para um garoto de 14 anos? Tirando a gagueira e os cinco minutos de mudez posteriores, acho que eu acabei aceitando, dizendo sim ou coisa parecida. Não lembro. Sei que no outro dia estávamos nós tomando um sorvete... Olhando as estrelas... É, olhando as estrelas (a sorveteria tinha teto, sim. Não estrague o momento!)... Estava tudo indo muito bem, nem podia acreditar. Eu estava fazendo tudo certinho. Conversamos um pouco para tentar nos conhecermos. Modo de dizer. Eu conhecia cada parte do corpo dela. Cada perfume que ela usava. O cheiro do cabelo. As roupas que ela usava. Era a garota perfeita.

Mostrei as constelações da Ursa Maior, as Três Marias, a estrela de Belém. Conte para ela todas as histórias que eu conhecia, até que cheguei na lua (modo de dizer). A lua é o ponto estratégico de todo encontro romântico. Não é à toa que é a madrinha dos enamorados. Aquele ponto brilhante no céu exerce um fascínio milenar sobre nós que chega à beira do inexplicável. Ia ser na lua que eu finalmente tentaria algo inédito no mundo. Falei nas sombras do coelho e no lado oculto. Contei todo o folclore de São Jorge e o dragão. Atenta a todos os detalhes, ela olhava fixamente para o satélite. Era esse o momento. Minhas pernas tremiam. Fui me aproximando como quem não quer nada. Meu braço já estava abraçando todo aquele corpo de mulher. Fui em direção à sua boca lânguida. Úmida. Entreaberta. Foi quando ela deixou de olhar para cima e virou-se em minha direção. Olhou-me nos olhos. Era o meu momento. O que procurei por anos.

O momento que só havia nos filmes, ou nos livros. Quando minha boca aproximou-se da boca da garota mais perfeita da escola, ela sussurrou:

- Você acha que algum dia... São Jorge vai voltar para a Terra?

|

Sala de Espera

Depois de brincar com meus próprios dedões por alguns minutos, comecei a achar que aquela sala de espera estava se tornando tediosa. Como seria bom se exatamente agora uma mulher linda, solteira e simpática entrasse na sala.

Não menos do que um minuto após meu impetuoso desejo ter sido feito, tal mulher entrou na sala. Tinha imaginado uma loira e a mulher que entrou era morena com mechas claras, o que a tornava ainda mais interessante.

- Bom dia, ela disse.
- Clufahan Hããã... Er... oi, respondi, com muita classe.

Tenho dificuldade para responder rapidamente quando sou pego de surpresa. Mas sempre me saio bem, no final.

Voltando ao desejo, ela era linda e simpática. Só uma mulher simpática diz “oi” para um homem que brinca compulsivamente com seus dedões numa sala de espera.

- A senhora já tem ficha aqui?, perguntou a secretária
- Ainda não, respondeu ela.
- Ahããã Cluf..., acrescentei.

Como toda mulher linda e simpática, ela esboçou um sorriso ao me olhar discretamente.

Começou então, o pequeno interrogatório feito pela secretária até que a bela Cláudia (sim, com muita perspicácia consegui descobrir seu nome) confessou ser a mulher dos meus sonhos:

- Solteira, infelizmente.
- UI ahããã Cluf... Ô luta, meu pai..., pensei.
- Pois não, respondeu ela, sorrindo com aquele sorriso que só mulheres como ela conseguem fazer. Ela ria de mim, mas num tom carinhoso.

Será que eu disse o que pensei? Acho que sim. E ela, como não poderia deixar se ser, fingiu não ter entendido.

Parti para a dissimulação.

- Ah... Me desculpe. Me empolguei com a reportagem que estava lendo. Bobeira minha.
- ‘Maginal, respondeu ela, fazendo aquele gesto com uma mão que normalmente quer dizer “‘Maginal!”.

Ufa! Acho que tinha me saído bem. Tirando o fato de que eu não tinha nenhuma revista nas mãos, claro. Isso realmente poderia ter maculado, um pouco, minha interpretação. Malditos detalhes!

- Com licença?, disse ela, ainda rindo.

Para me redimir, antes de responder, dei uma leve olhada para meu relógio. Típico movimento que só um homem de muita classe consegue fazer antes de responder uma pergunta deste nível.

- Sim..., retruquei, com a certeza de que a surpreendi.
- Nós já não nos conhecemos antes?, disse ela sem mostras de maiores surpresas.

Acabei me lembrando que também estava sem relógio de pulso, e meu gesto fatal pode ter se tornado um pouco inócuo.

Dessa vez, confesso, senti o golpe. Dois diretos no rosto na seqüência. Se ela não me deixasse respirar um pouco, eu beijaria a lona em instantes.

Fingi ter deixado meu celular caído no chão, e soltei um leve “oh...” para completar a ação. Eu precisava de tempo.

- Olha... não quero parecer uma mulher atirada, mas realmente senti uma energia diferente em você. Você acredita em destino?

Levantei rapidamente. Gesto absolutamente aceitável quando você deve pegar algo que está no chão. Torcia desesperadamente para que meu técnico jogasse a toalha no meu córner para que a luta fosse interrompida. Sem querer, chutei meu celular para longe. E ao bater na parede, ele se dividiu caprichosamente em duas partes. Como não queria correr o risco de parecer um homem atrapalhado pisei com toda força que tinha na bateria que voou para perto de mim. Agora, sim. Mostrei quem estava no controle. Corri então para o outro lado da sala. Somente uma ajuda divina me salvaria.

- Ai, ai... Adoro homens tímidos, sabe?, disse ela, sem um pingão de bondade no coração. Não queria saber o que ela pensava dos outros homens.

Sem perder a compostura, segurei a bateria em uma mão e a levantei do chão. Sim, acho que, no calor da conversa, me esqueci de contar que dei uma linda ponte (como fazem os goleiros profissionais) para agarrar a outra parte do celular.

Fingi, então, que o celular tocava no modo silencioso e, dignamente, segurando o fone, saí correndo, como quem se retira educadamente do recinto para não perturbar os outros com sua conversa.

- Alô, alô!, eu gritava, para que ela percebesse quanto o “pseudo-sinal” estava fraco.

E assim fui para a rua, certo de que não tinha mais nada a fazer. Ah, se eu fosse um homem tímido!

Promessa

- Alô? Dani? Tudo bem?
- Como assim, quem é? Sou eu! O João!
- Que João? O que estudou com você!
- No colegial.
- Isso mesmo! Se bem que eu tirei o aparelho e não uso mais óculos fundo de garrafa.
- Se são horas de ligar? Por que? Está ocupada?
- O que? Ela está sendo esquartejada? Por macacos alados? Ah, não liga não, acabou de acontecer isso com minha vizinha.
- Na verdade, eu liguei para você pra te convidar pra sair.
- Nem vem com essa de “os céus estão em chamas”. Perfeito para tomarmos uma cervejinha.
- Maremotos também? Estamos mais de mil metros acima do mar.
- Qual o problema do bar?
- Acho que o bar deve ficar aberto, sim. Não é por causa de um meteoro que o seu Juca iria fechar.
- Se o problema são as hordas do inferno rondando seu bairro, eu te pego na sua casa.
- Espera um momentinho? Ei! Dá para parar de gritar aí? Tô no telefone! Ah, vão pro inferno vocês!
- Oi, desculpa, é que meus vizinhos são meio escandalosos. Só porque estão sendo perseguidos por mortos-vivos acham que podem dar piti no meio da rua.
- Seus vizinhos também estão gritando? Ah, chuva de fogo. Por isso a barulheira.
- Mas, e aí? Vamos sair?
- Não? Mas você prometeu!
- Quando? Foi quando me disse que sairia comigo apenas no dia do Juízo Final.
- Não, não desliga! Alô?... Dani?... Alô?...

Sai, Sai, Sai

ZzZzZzZzZzZz. Riiiiing. Alô. Balada. Fechou. Banho. Roupa. Qual. Essa! Não serve. Essa mesmo. Elevador. 15º andar. Droga. Carro. Som. Acelerador. Acelerador. Acelerador. FREIA!!! Ufa. Reza. Chegou. Porta. Valet Service. Seis reais. Fila. Fila. Fila. Saco. Nome na lista. Rogério Sanchez. Por favor. Consumo de 50 reais. Oi. Bar. Whisky. Whisky. Whisky. FREIA!!!

- Aonde você está levando esse sorriso lindo?
- Pra bem longe de você.

Ai. Whisky. Whisky. FREIA!!!

- Aonde você está levando esse sorriso lindo?
- Lá pro lado do meu namorado, mas de qualquer forma, obrigada.
- De nada.

Valeu. Whisky. Whisky. Pista. Whisky. Tontura. FREIA!!!

- OI, AONDE VOCÊ ESTÁ... É... QUAL O SEU NOME?
- QUE?
- SEU NOME?
- LAURA! E O SEU?
- HEIN?
- E O SEU?
- ROGÉRIO. VOCÊ ESTÁ SOZINHA?

Tontura.

- ESTOU. POR QUE? ALGUMA PROPOSTA?

Tontura. Tontura.

- BEM, NÓS PODÍAMOS IR VOMITAR.
- QUE?

Tontura. Tontura. Tontura.

- NÓS PODÍAMOS IR SENTAR.
- AH! CLARO.

Tontura. Tontura. Tontura. Bêlis. Sobe. Desce.

- Aqui dá pra conversar. Então, Rogério, qual a sua sugestão para o nosso fim de noite?

Tontura. Tontura. Tontura. Bêlis. Sobe. Desce. Tontura. Tontura. Tontura. Bêlis. Sobe. Desce.

- Bem... Eu podia deitar a cabeça no seu ombro...

Tortura. Tortura. Sobe. Sobe. Desce. Sobe. Sobe. Desce

- E o que mais...

- E daí eu podia me reclinar e...

- E...

Sobe. Sobe. Sobe. Sobe. Sobe.

- Eu poderia...

Sobe. Sobe. Sobe. Sai. Sai. Sai. Sai. Bólis. Bólis. Bólis. Whisky. Whisky. Whisky. Whisky.
Whisky. Whisky.

|

Hein?!

CENA 32 TAKE 01. EXTERNA. DANCETERIA BADALADA - NOITE

Um jovem comum vê uma morena muito bonita dançando e se enfeitiça por seu jeito, seu corpo, seu rosto, suas pernas... Ahhh!

Ele sabe que todo o seu futuro mudaria se conquistasse aquela mulher. Não importa como, ela teria que ser dele. O destino os havia apresentado, e ele não deixaria essa oportunidade passar.

Sem maiores rodeios ele se aproxima dela e, com um sorriso de canto de boca, diz:

- Olá... Vo-você ve-vem sempre aqui?
- Hein?!

CORTA!

CENA 32 TAKE 02. EXTERNA. DANCETERIA BADALADA - NOITE

Um jovem comum vê...

Sem maiores rodeios ele se aproxima dela e, com um sorriso de canto de boca, diz:

- Olá... Sabia que eu adoro essa música?
- Eu também... Quer dançar comigo?
- Err... Eu não sei dançar.
- Hein?!

CORTA!

CENA 32 TAKE 03.

- Olá... Sabia que eu adoro essa música?
- Eu também... Quer dançar comigo?
- Olha, não sou dos melhores, mas adoraria dançar com você!
- Tudo bem. Gostei de você.
- Mesmo?! Você não acha que essa verruga peluda atrás da minha panturrilha direita é muito feia?
- Hein?!

CORTA!

CENA 32 TAKE 04.

- Olá... Sabia que eu adoro essa música?

- Eu também... Quer dançar comigo?
- Olha, não sou dos melhores, mas adoraria dançar com você!
- Tudo bem. Gostei de você.
- Mesmo?! Sabia que eu vim aqui falar com você pelo mesmo motivo?
- Hehehe... Adoro homens com senso de humor!
- Pois é, o Almeida diz que eu sou uma avestruz, mas eu adoro mesmo é suflê de batata com chouriço!
- Hein?!

CORTA!

CENA 32 TAKE 05.

- Olá... Sabia que eu adoro essa música?
- Eu também... Quer dançar comigo?
- Olha, não sou dos melhores, mas adoraria dançar com você!
- Tudo bem. Gostei de você.
- Mesmo?! Sabia que eu vim aqui falar com você pelo mesmo motivo?
- Hehehe... Adoro homens com senso de humor!
- Chega mais perto, então...
- Hmm... Você não é dos mais difíceis, até que dança direitinho.
- Isso é porque você ainda não me experimentou na cama, bebe...
- Hein?!

CORTA!

CENA 32 TAKE 06.

- Olá... Sabia que eu adoro essa música?
- Eu também... Quer dançar comigo?
- Olha, não sou dos melhores, mas adoraria dançar com você!
- Tudo bem. Gostei de você.
- Mesmo?! Sabia que eu vim aqui falar com você pelo mesmo motivo?
- Hehehe... Adoro homens com senso de humor!
- Chega mais perto, então...
- Hmm... Você não é dos mais difíceis, até que dança direitinho.
- Você é que é ótima.
- Isso você só vai saber se me experimentar...
- Opa! Garçom! Traz garfo, faca e guardanapo que hoje eu vou comer até vomitar!
- Hein?!

CORTA!

CENA 32 TAKE 07.

- Olá... Sabia que eu adoro essa música?

- Eu também... Quer dançar comigo?
- Olha, não sou dos melhores, mas adoraria dançar com você!
- Tudo bem. Gostei de você.
- Mesmo?! Sabia que eu vim aqui falar com você pelo mesmo motivo?
- Hehehe... Adoro homens com senso de humor!
- Chega mais perto, então...
- Hmm... Você não é dos mais difíceis, até que dança direitinho.
- Você é que é ótima.
- Isso você só vai saber se me experimentar...
- Hmm...

E sem falar nada ele beija (finalmente!) a mulher que mudaria sua vida.

- Nossa... Que beijo bom, gato!
- Foi você quem me inspirou...
- Ai... Seu bobo!
- Sabe de uma coisa?
- Não, o quê?
- Eu ainda não sei seu nome, linda.
- É Jaílton!
- Hein?!

CORTA!!!

Verdades inteiras

Um casal dançando numa pista da melhor balada da cidade. Ela, linda, saltitante, com a roupa da moda e adorando tudo que vê pela frente. Ele, normal, dançando “socialmente”, também com a roupa da moda, mas visivelmente deslocado.

ELA: Cara... Uhu, isso é tão cool!

ELE: Beleza...

ELA: Yeah! Show! Isso não é demais!?

ELE: Não.

ELA: Sério que você não curte esses caras!? De que planeta você veio?

ELE: Do mesmo que o seu. Chama: Terra.

ELA: Olha o cara... Todo sinistro.

ELE: Sinistro é o teu passado, infeliz.

ELA: Ai... Vai me dizer que você não gosta nem um pouquinho?

ELE: Um pouco.

ELA: Sério?!

ELE: É.

ELA: Nossa! Sério mesmo?

ELE: Não, só falei que sim pra ver se você calava a boca. Deu errado.

ELA: Meu, na boa! Sente essa “vibe”...

ELE: Ok. Senti. Posso ir embora?

ELA: Ai, deixa de ser chato! Você não curte ficar dançando, sem se preocupar com nada, colocando toda sua energia negativa pra fora?

ELE: A única coisa que consigo pensar quando tento dançar é: “Onde eu coloco meus braços? Por favor, me tirem daqui!”.

ELA: Ah, imagina! Eu adoro sair pra dançar.

ELE: Se você gostasse mesmo disso, não usava um salto desse tamanho, uma saia que não te deixa dar meio passo pro lado e esse decote que me remete à explosão da bomba de Hiroshima.

ELA: Ah, vai dizer que você tá com ciúme.

ELE: Não é bem esse o sentimento. Se pudesse, enfiaria meu rosto entre seus seios e ficaria assoprando pra fazer esse barulho, ó: “Prúúúúúúúúúúú!”

ELA: Que comédia! Té parece!

ELE: Esse é o único motivo para um homem como eu suportar uma situação dessas. Pode perguntar pra qualquer um aqui. Quer que eu pergunte?

ELA: Você é tão engraçado.

ELE: O nome é: palhaço.

ELA: Ai, ai, viu?

ELE: Ai, ai, mesmo...

ELA: Nossa, olha essa música que começou a tocar agora! É demais! Adoro flash!

ELE: Na época que isso tocava de verdade, você achava um lixo, agora que é moda...

ELA: Ah, deixa de ser implicante... Na época eu era boba.

ELE: Pra você ver, até o câncer evolui...

ELA: Meu... Do que você tá me chamando?

ELE: Boba. Mas é que eu sou educado.

ELA: Que engraçado! Quem vê até pensa que você tá falando sério!

ELE: Pra você ver como as pessoas não estão acostumadas com a verdade.

ELA: Então, meu pé tá doendo... Vamos pegar uma cerveja?

ELE: Pé, cerveja... O que uma coisa tem a ver com a outra?

ELA: E aí? Vamos?

ELE: Vamos, claro! Você na frente!

|

Uma noite qualquer

Era uma festa típica dos anos 2000. Muita bebida, algumas drogas, *techno* inundando os ambientes e gente de todos os tipos.

Almeida circulava na pista meio perdido. Ele não estava mais acostumado a festas assim. A calça jeans com cinto e a camisa de botão já não faziam o sucesso de antigamente. O velho cigarro de cravo Gudang Garan, então, nem pensar!

Quando ele começava a se empolgar com algumas músicas mais parecidas com as do começo do anos 90, a batida parava, as pessoas continuavam se movendo e algo estranho acontecia, como um discurso do Martin Luther King, ou então Deus falando sobre a sua suprema criação.

Kelly Maluquete se aproximou dele com um ácido na ponta do dedo e disse:

- Fala aí, mino! Bem lóco esse seu visu meio retrô.
- Acho que é naquela porta ali, mas cuidado que vi um cara entrando lá uns minutos atrás.

A música estava muito alta.

- Taí, o lóqui nem tchum proqu'eu falei!
- Olha, pra ser sincero, também tou procurando algo pra comer. Você viu algum docinho por aí?!

A música estava definitivamente alta.

- Tá na mão, trutinha!

Sem que ele esboçasse qualquer reação, Kelly enfiou o seu dedo doce dentro da boca do Almeida, que não entendeu nada. Ele estava com fome, mas nem tanto.

Kelly, então, começou a beijá-lo, lambendo seu dedo, sua língua, tentando roubar um pouquinho daquele ácido, e ele, que só fechou os olhos depois de uns 10 segundos de beijo, resolveu entrar na dança, se é que tinha dança para aquele bate-estaca maluco.

Quanto mais tempo passava, melhor Almeida e Kelly Maluquete se entendiam. Ou melhor, ele não entendeu uma palavra do que ela disse, e ela adorou aquilo.

Lá pelas sete e meia da manhã, Almeida estava deitado no meio da pista olhando para o céu estrelado, mostrando as poucas constelações que conhecia para Kelly Maluquete e um gnomo que conheceu um tempo depois do doce beijo.

Kelly gargalhava, já que eles estavam deitados dentro de uma sala fechada, e não havia céu, estrelas e muito menos gnomo. Aquele cara sabia divertir uma mulher como ela.

Logo depois, os dois começaram a dormir. Ali mesmo, no meio da pista.

No final da tarde, Almeida acordou. Sozinho. Não havia mais ninguém dentro da sala. Ele procurava o céu estrelado e aquela garota doida de quem ele nem conseguiu saber o nome. Nem garota, nem estrelas, nem mesmo aquele baixinho engraçado que conheceu durante a noite – não achou nada.

|

Flores

- Tu és a mais bela entre as belas.
- Quero flores.
- Meu amor por você é infinito.
- Quero flores.
- Ficaremos juntos para sempre.
- Quero flores.
- Serei o mais fiel dos homens.
- Quero flores.
- Ficarei com você na tristeza...
- Quero flores.
- ...e também na alegria.
- Quero flores.
- Quando você estiver para baixo, levantarei seu astral.
- Quero flores.
- Em momento nenhum vou sair do seu lado.
- Quero flores.
- Meu respeito sempre terá...
- Quero flores.
- ...e também minha admiração
- Quero flores.
- Está bem, aqui estão suas flores.
- Têm que ser do campo.

Só um Bombom...

- Aquele desgraçado só pode estar querendo me deixar louca.
- Calma, Rita. Não vai ficar assim por causa daquele babaca.
- Ah, Nanda, não é possível. Ele só pode estar brincando com a minha cara.
- Não é pra falar que eu te avisei, mas eu avisei.
- Mas com ele era tão diferente. Ai, como eu sou uma idiota mesmo. E pensar que acreditei que pudesse até dar casamento.
- Ai, amiga, eu queria tanto que você estivesse certa. Mas eles sempre fazem esse tipo de coisa. Você lembra do meu caso com o Pedrinho, né?
- Lembro!
- E com o João Carlos.
- Sim, sim.
- E com o Paulinho, o Adalberto e com aquele cara que transava com um pé de meia social.
- Tá, tá, tá. Não precisa me relembrar todas suas aventuras sexuais.
- Desculpa. É que eu não me controlo.
- Sabe, Nanda, com ele tudo foi melhor. Tudo certo. Não foi à toa que eu falei pela primeira vez “Eu te amo”.
- Primeira vez? Jura?
- Sim.
- Mas, e todas aquelas vezes com o Rocko.
- Com o Rocko não conta. Eu só falava por que ele sempre me dava orgasmos múltiplos.
- Ah, bom.
- Mas dessa vez não. Falei mesmo ele não sendo tão bom de cama assim. Mesmo tendo aquela mania de estalar os dedos dos pés e mesmo não sendo nem de perto tão gostoso quanto o Rocko.
- Ai, o Rocko. Por que você terminou com ele mesmo?
- Ele nunca aprendeu meu nome, Nanda.
- Mas não dava pra dar um pouco mais de tempo pra ele?
- Eu tentei por seis meses. O que mais você queria?!
- É, você tá certa. Mas é que ele era tão... tão...
- Nan. Chega. Só me faltava essa agora. Eu com um problemão e você falando do Rocko.
- Você tá certa. Desculpa, amiga.
- Mas então. A noite foi ótima. Ele estava lindo, o cabelo todo pra trás, cavanhaque desenhadinho e aquela camisa de cetim que dei pra ele. Cavalheiro, abriu a porta do carro, me serviu vinho e me deu o lado de dentro da calçada para eu andar. Especialmente romântico. Até a lua que estava cheia parecia ter sido encomendada por ele pra deixar a noite mais mágica.
- Mas o que deu errado?
- Bem. É melhor perguntar o que deu certo. Depois da sobremesa, ele já tomando o café dele como usual, segurou minha mão e ficou olhando fundo nos meus olhos. Me disse como eu estava linda, e como nunca tinha admirado tanto uma mulher.
- Ok. Mas até aí estava tudo perfeito.
- Sim. Mas eu envolvida por tudo isso não me agüentei a acabei falando as famosas três palavras.
- “Vamos dar uma”?
- Não, sua besta. “Eu te amo”.
- Eu também te amo, Ritinha. Mas o que você falou pra ele?
- Não você, Nan. Falei que eu amava ele.

- Você não me ama. E eu pensando que éramos melhores amigas! Depois de anos de amizade...

- Pára pára pára! Nan. Eu te amo também. É que estou falando de outra coisa. Afinal, dá pra ter um pouco mais de foco em mim, por favor.

- Tá bom, tá bom. Desculpa.

- Voltando ao meu problema. Depois de ter falado que o amava, você sabe o que ele me falou?

- O que?

- Obrigado.

- De nada. Mas o que ele falou?

- ELE DISSE OBRIGADO. Nan, presta atenção. Eu disse “eu te amo” e ao invés de ele falar “eu também” ele me agradeceu.

- Noooooossa. Que cafajeste. Como é canalha. E o que você fez?

- O que eu fiz? O que eu podia. Meu reflexo foi sair de lá na hora. Mas o restaurante era longe da minha casa e eu tava com aquela minha sandália preta com strass na tira sabe?

- Sei. Nem moooorta você chegava em casa com aquela sandália. Aliás, você pode me emprestar, vou numa festa sábado e combina tanto com aquele meu vestidinho preto, sabe?

- Sei, sim. Vai ficar linda.

- Então. Dai você fez o que?

- Bem. O que pude. Esperei ele pagar a conta e pedi pra me levar pra casa.

- E depois disso? Vocês se falaram?

- Ele me ligou no telefone mas não atendi. Daí hoje ele me deixou um presente na portaria. Um bombom. Você vê que cara de pau. Além de tudo ainda é mesquinho. Não me trouxe nem uma caixa.

- É, amiga. Não tem jeito. Parece que não é dessa vez. Bem, agora tenho que ir. Vou almoçar com um cara que conheci no ponto de ônibus hoje, uma gracinha. Mas não fica assim. Ele vai pagar por isso. Vou falar com aquela minha prima do terreiro e teremos sua vingança.

- Ai, brigado, amiga.

- Beijinho, linda. Força. Posso levar o bombom?

- Não força, né, Nan.

- Não custa tentar, né... vai saber, você tá com raiva dele...

- Tchau, Nandinha.

Doze dias depois, Rita não agüentava mais chorar e xingar seu ex-amado. Teve que apelar pro bombom. Nada melhor que chocolate para curar dor de amor. Ao abrir a embalagem, encontrou uma aliança seguida da seguinte mensagem:

Rita, me desculpe por ser ruim com as palavras. Esta foi a maneira que encontrei de dizer que te amo. Case comigo.

(e)

O Macho Moderno Domesticado

Só é surpresa para ele mesmo. Afinal, elas são criação divina; ele evoluiu do macaco. Maldito seja, Darwin!

A mulher do Walter

Outro dia abri um caderno antigo – bem, não tão antigo assim – e achei uma foto da turma. Sim, a turma, com todo mundo lá, posando feliz numa festa de um sábado plausível. O Peres, o Mamão, o Carlos, eu, o Fininho (com a namorada da época) e o Walter. Meu Deus, o Walter. Naquele dia o Walter ficou muito bêbado, aí ele sumiu. Não trombei mais com ele.

Peguei o telefone e liguei na hora.

- Walter, seu safado!
- E aí, Farlo!
- Farlo é a mãe! Cê tá bom?
- Tou bom, tou bem...
- Cara, faz séculos que não te vejo! O que é que tá acontecendo, hein?
- Ah, você sabe, né? A Martha...
- A Martha? Xi... Você está nessa vida ainda, cara?
- Pois é...
- Lembra aquele dia? Aquela última vez que a gente foi pra balada, e o Fininho quase apanhou da namorada, como era mesmo o nome dela...
- Priscila...
- Isso, o Fino quase apanhou da Pri, porque ficava dizendo “à saúde das loiras do Brasilsilsil!!!” pra cada chope que a gente pedia... E aquela mesa do lado tinha três loiraças que só ficavam pagando pau pra gente.
- Bom, pagando pau pro Mamão, você quer dizer.
- É verdade, parecia que o Mamão era doce, vai pro inferno!
- Eu nem me lembro direito daquele dia...
- Não lembra? Aposto que não. Você estava assim: uma batatinha, um chope. Outra batatinha, outro chope. E enquanto o garçom não trazia a próxima tulipa, você lambia a mostarda, pra não gastar batata.
- Pois é... Depois daquele dia...
- Nunca mais a gente saiu assim, né? Ou melhor, você nunca mais saiu com a gente.
- Pois é... Depois daquele dia... A Martha nunca mais me deixou sair pra essas baladas.
- Sério?
- Sério.
- Nem ir tomar uns chopinhos com o pessoal do trabalho?
- Nem.
- Vai me dizer que você nem falou mais com o Peres, então?
- Exatamente.
- Cara, isso eu não concordo. Quem ela pensa que ela é? Ficar ordenando assim...
- Pois é...
- Você lembra do dia? Ela queria vir com a gente!
- Queria?
- Só porque a namorada do Fininho ia...
- É verdade...

- Não tem nada a ver, o lugar não era pra Martha. Eu acho que você devia dizer isso pra ela.

- Isso o quê?

- Que não tem nada a ver, que ela não pode agir assim com você, Walter! Você é um cara legal, que tem amigos, que gosta de se divertir! Você precisa ter seu espaço, sua individualidade!

- Sei lá...

- Sei lá? Cara, você está maluco? Você precisa respirar, entendeu? Você precisa ser você! In-di-vi-du-a-li-dade, tá entendendo?

- É difícil, é difícil... Com a Martha é difícil...

- Cara, me explica... Eu nunca concordei com isso.

- Você sabe como é... Não posso falar isso assim, pra ela... Ela vai se sentir culpada, nunca vai me perdoar.

- Walter, e daí?

- É que você não entende... Eu sou a única pessoa na vida dela, sabe?

- Alguma hora você vai ter que largar essa mulher!

- Eu sei, eu sei. Alguma hora eu faço isso, eu acho, mas eu não posso, entende?

- Por que?

- Porque a gente é muito unido, muito junto...

- Corta essa, porra!

- Farlo, olha...

- Farlo é a mãe!

- Veja bem, não é assim...

- Vê se dá um pé na bunda dessa mulher, porra!

- Não posso, você não entende, Farlo...

- Já falei que Farlo é a mãe!

- Não fala assim da minha mãe!

- Falo sim! Você não larga a Martha, parece uma criancinha!

- Não fala assim da Martha.

- Ela fica te podando, eu não posso concordar com isso!

- Não fala assim da Martha, Farlo!

- Você tem que arranjar uma mulher de verdade e largar essa velha!

- Não fala assim da Martha!

- Walter, vai à merda!

- Vai você, Farlo!

- Farlo é a m...

“É a mãe”, eu ia dizer. Até hoje o cara não saiu da barra da saia dessa mulher. Filho único é foda.

Imaginário popular

Só pode estar me traindo. Porque numa boa, essa história de “happy hour” eu não engulo. “Happy”? Não tem que ser “happy” coisa nenhuma. Trabalho é trabalho. Vamos lá fazer nossos deveres, tomar bronca do chefe e na melhor das hipóteses tomar um café depois do almoço com o Orestes, da contabilidade.

“Happy”? Só se for o dela. E se é tão feliz assim só pode estar me colocando um belo par de chifres. Há tempos que eu venho observando. Ela vive falando daquele tal de Rogério, Rômulo, sei lá. Ok. Não tem falado tão freqüentemente. Talvez tenha mencionado umas duas vezes. Mas temos que manter os olhos abertos, não é? No mundo de hoje, vacilamos por um momento e tá lá. Na nossa cara. Nossa desmoralização. Fomos corneados.

“Hour”? Por que tem que durar tanto? Ela não me liga. Já faz exatamente quinze minutos que me ligou. Deve estar muito entretida lá com o Rodrigo. Papo vai, papo vem, uma mão aqui, outra ali e PAM. É assim que funciona. Sei como é. Já fui solteiro. A gente não perdoa.

Será que esse cara é daqueles bonitões? Não. Sou mais eu. Mas ele deve ter um carrão. Só pode. Para impressionar a mulher dos outros. Fica se gabando dos bancos de couro pra levar mulher alheia pra cama. Ou pra qualquer outro canto mais próximo. Já vi nos filmes. Não sou bobo. O cara passa a lábia, queima meu filme, se aproxima e PAM. Estão lá os dois se afonhicando no banheiro do bar.

“Bar”? Porque não fazem o tal “happy hour” (happy???) num lugar mais adequado. Na Igreja por exemplo. Isso sim é útil. E sério. Todos juntos numa só oração. É sinergia. Mas não. Eles gostam é da promiscuidade.

Vinte minutos já e nada. Ah, esse Ricardo é muito cara de pau. Fica pegando minha mulher. Ela nem deve pensar em mim; ou melhor, pensa sim: “Ai se meu marido descobrir!”. Por isso deve gostar mais ainda. Do perigo, do proibido. Deve falar que não temos a mesma tensão sexual de antigamente, que não tenho mais aquele furor. Mas a culpa não é minha. Poxa, ela sabe como o meu trabalho anda estressante. O que aconteceu ontem não vai acontecer sempre. Não é porque aconteceu cinco vezes no último mês que vai ser corriqueiro. Ei de me reerguer.

Duro. Vai ser duro encará-la. Toda prosa, sorriso no rosto, cara de satisfeita. Toda cheia de Renato em cima dela. Safado. Sou chifrudo e tenho que me conformar.

Será invenção? Coisa da minha cabeça? Pode ser. Sempre fui um pouco inseguro. Acho que estou fazendo mau julgamento dela. Independente do cara dar em cima ou não, é nela em quem devo depositar minha confiança. Besteira da minha parte até. Pensar essas coisas. Depois de tantas provas de amor e compreensão que ela vem demonstrando eu deveria botar um pouco mais de fé nela.

É isso aí. Parei com isso. Vou recebê-la de braços abertos. Tenho que apoiá-la em primeiro lugar.

Interfone. Chegou. Pode subir.

- Oi, moção!

- Oi, querida. Tudo bem?
- Tudo ótimo!
- Como foi de “happy hour”?
- Nossa. Foi uma DE – LÍ – CIA. O Reginaldo te mandou um abraço.

|

Recomeço

Era mais um verão daqueles que passava na casa da família no interior. Dessa vez era em Monte Verde. Mas também tinha parentes em Piraju, em Avaré, em Iracema e até em Itararé. Há 25 anos era a mesma coisa. Revia parentes, tomava sorvete na pracinha e ouvia aqueles papos desinteressantes dos primos, que, embora da mesma faixa etária, tinham idéias totalmente opostas.

Tudo levava crer que seria mais um daqueles feriados monótonos. A situação mudou quando ele a viu. Uma sensação de *déjà vu*. Conhecía aquele rosto de algum lugar. Um frio gelou sua espinha quando ela o reconheceu.

- Francisco? É você? Quase não o reconheço. Faz tanto tempo, né?
- Sim, muito tempo mesmo!

Não queria matar o assunto, por isso continuou a conversa. Mas sua memória não ajudava. Sim, certamente a conhecia. De onde? Não sabia. Vinham algumas imagens na cabeça, fragmentos esparsos, empoeirados pela memória. Um vestido azul; foi a primeira imagem que veio. Tentava segurar a conversa como podia.

- Aposto que nem se lembra de mim.
- Lembro. Estava com um vestidinho florido de alcinha azul. Margaridas.

Enquanto conversavam o quebra-cabeça de suas lembranças foi se montando. Era a Andréia. Conheceram-se havia 5 ou 6 anos, durante as férias que passou em Praia Grande. Começou com um sorvetinho no calçadão e terminou com um café da manhã no hotel. Depois ela simplesmente desapareceu, deixando-o desconsolado por alguns meses. Andréia não era o tipo de mulher apenas para um caso de praia.

- Aquele dia foi realmente especial.
- Eu diria... Único.

Ele não sabia como entrar no assunto do porquê de sua fuga repentina, de não retornar as ligações. Não se achava no direito de cobrá-la ou pressioná-la. Até porque desejava que a conversa continuasse nesse tom agradável. Surpreendeu-se quando ela tocou no assunto.

- Você sabe por que eu fugi aquele dia, não sabe?
- Foi algo que fiz? Algo que disse?

Ainda não se lembrava muito bem do que ocorrera aquele dia. Sabia que conversaram bastante, mas não lembrava exatamente o que havia dito.

- Sim, foi algo que disse. Lembra-se da nossa longa conversa? Eu lembro. Perfeitamente. Pensei sobre ela durante muito tempo. Foi muito duro para mim.
- Desculpe... Eu...

Realmente não podia ter dito algo assim tão marcante. Sempre fora um verdadeiro *gentleman*, não diria nenhuma palavra dura para uma dama. Não pensava em outra coisa no momento além de se desculpar.

- Não, não precisa se desculpar. Você tem razão. Fiquei muito magoada. Refleti muito sobre o assunto. A tal conversa me fez enxergar muita coisa. Abriu meus olhos. Eu devo muito a você.

- Não, você não me deve nada.

Embora gostasse muito da idéia de tê-la em dívida com ele, achou melhor não colher os louros da vitória por não saber nem exatamente de que estavam falando.

- Oh, sim, eu devo. Mas são águas passadas. Já está superado. Espero que para você também. Sem mágoas, certo?

- Absolutamente.

Que mágoa teria? Apenas pensava em não mais perdê-la.

- Que tal nos encontrarmos hoje à noite? Só me prometa uma coisa: nunca, mas nunca mesmo, repita para mim aquilo que você disse naquela nossa conversa!

- Prometo.

Não importava mais o que ele havia dito. Estava perdoado. Era um recomeço, uma nova chance. Agora era só tomar cuidado e falar o menos possível.

A mulher do chefe

Esses dias eu estava lembrando de uma coisa terrível. É, uma coisa terrível que eu fiz e nem acredito. Eu tinha tudo pra evitar, deixar passar, mas não. Eu estava lembrando do dia em que beijei a Rose. Porque eu fui fazer aquilo, ainda não sei. Instinto animal, solidão, *sex appeal*, sei lá. Eu não lamento por ela – porque ela era realmente linda – mas por mim, que não lembrei da questão profissional mais importante para um sujeito: nunca, eu disse nunca, jamais beije a mulher do chefe. O Valdir era um cara legal e tudo, mas eu nem liguei e beijei a mulher dele, mas quando digo mulher eu não quero dizer aquela coisa careta de marido e mulher. A Rose era a “mulher” do Valdir no seu jeito mais sensual e sexual de dizer essa palavra, mulher. Vivia cheia de presentes secretos que todo mundo sabia de quem eram, mas a surpresa era fingida com uma certa fluidez de hipocrisia parlamentar.

Depois de tudo, acho que a Rose, em algum momento, gostou de mim. Eu estava nas nuvens e ela me puxava mais pra cima. Largou o Valdir e começamos a namorar. Foi um choque para muitos, inclusive o novo chefe, que despediu o próprio Valdir e toda a equipe, inclusive eu. Esqueci o trabalho, esqueci o Valdir. Só pensava na Rose, só falava na Rose; bebia e respirava Rose. Ela também me adorava, chorava cada jóia que eu pendurava em seu corpo. Nosso amor era intenso como um carro esportivo acelerando em uma arrancada; ela não chegou a participar de arrancadas mas fizemos amor loucamente dentro daquele Porsche que eu dei de presente no nosso aniversário de um ano de namoro.

Viagens de lua-de-mel foram umas quinze, beijos quentes e enlouquecidos, incontáveis. Acho que o dia mais feliz da vida da Rose foi quando eu encontrei outro emprego; nesse mesmo dia eu quis fazer uma surpresa pra ela e comprei um *loft*, pequeno, porém confortável, e dei de presente pra ela. Eu estava nas nuvens e ela me puxava pra cima. Aquilo é que era mulher. Contudo, depois dos cinco anos mais maravilhosos da minha vida a coisa toda foi esfriando, não sei como, mas foi. O trabalho já não dava conta de tanta frustração e comecei a me desligar da empresa até me desligarem. A Rose até que segurou a barra durante um tempo, depois saiu pela porta de trás à francesa. Não durou seis meses e eu estava sem perspectiva na vida. Ligava pra casa dela e ninguém atendia. Acho que ela deve ter mudado do *loft* ou perdido o telefone, pobrezinha.

No final das contas eu acabei sem emprego, sem mulher, sem dinheiro – não que eu me importe, sem casa, sem comida, dependendo da ajuda alheia, como a dessas pessoas que doam comida e roupas.

- Mais sopa?
- Por favor, obrigado.

Esses dias encontrei o Valdir em um albergue aqui perto, ficamos horas sentados sob a marquise, conversando sobre a injustiça da vida e sobre como chegamos a tal ponto. Discordamos em tudo. Só houve trégua quando o assunto foi a Rose.

- Um espetáculo de mulher!
- Sem dúvida, uma santa mulher!

Ontem

Você acorda já com dor de cabeça e dor de estômago. Antes mesmo de abrir os olhos, é necessário se perguntar uma coisa:

- O que eu fiz ontem?

É primordial saber isso para estar preparado para qualquer coisa que esteja à sua volta, embaixo ou em cima de você.

- Hummm... Fui naquela festa do Padilha.

Temos progresso. Lembrar assim de cara qual o destino inicial de sua noite anterior prova que você já é uma pessoa experiente, que sabe lidar com este tipo de situação extrema. Porém, mais importante do que saber onde é saber o que.

- Lembro que tinha vodka lá.

Vodka. Muito bem. Isso explica a dor de estômago. A vodka por muitas vezes causa amnésia. Mas não em você, que é experiente.

- Uma saia. Com certeza tinha uma saia.

Ótimo. As chances de ter se envolvido com um homem são mínimas. Não estando na Escócia, é claro.

- Saí de lá com essa pessoa de saia. Minha visão estava meio embaçada. Quem era? Será que eu fiz merda? A Paula ia nessa festa.

Muito bom. Se saiu acompanhado da festa, de duas uma: ou chegou seguro a algum lugar ou está num cativeiro em Rondonópolis. É hora de abrir o olho.

- Ufa. Estou no meu quarto. Eu acho. Sim, olha ali meus óculos no chão. Tem brigadeiro nas lentes.

Isso explica a visão embaçada. (Que raio de festa adulta, sem ser aniversário de filho, tem brigadeiro?)

- Ok. Tem alguém do meu lado.

Olhe quem é.

- Ufa. É a Paula. Que alívio.

Que beleza. O que aconteceu entre o brigadeiro nos óculos e seu despertar?

- Já tô me lembrando de tudo. Lembro que pegamos carona com alguém. Apesar de eu ter ido de carro pra festa. Daí viemos pra minha casa. Tudo tranquilo. O clima esquentou.

Aê, garanhão. Continua que estou gostando.

- Viemos tirando a roupa desde o hall do elevador. Caímos na cama. Nos beijando muito. Eu mantinha os olhos abertos, me lembro bem, pois sempre que eu os fechava a Paula perguntava: “Vai vomitar? Vai vomitar?”.

E depois?

- Começamos a fazer amor. Eu estava por cima. Como minha coordenação não estava lá essas coisas, vira e mexe eu me pegava beijando o rádio relógio ou batendo os pés no criado mudo. Lembro de ouvir uns grunhidos e, já que o ventilador estava desligado, achei que tinha finalmente acertado. Relaxei.

Durou dois minutos pelo menos?

- Não lembro do final. Que estranho. Lembrei de tudo, mas depois disso...

Houve um final, né?

- Tava muito bom. Comecei a relaxar. Olhava para a cara de prazer da Paula. Ou desgosto, não sei ao certo. São tão parecidas. Olhava para ela e de repente senti uma sensação estranha. Ah, é, lembrei. Eu tava voando.

Você chegou ao orgasmo então.

- Não. Eu tava voando. De verdade. Me lembro bem disso. Ao meu lado estava meu professor de finanças. Voando também.

Hein?!

- Como? Hummmm... já sei...

Você...

- Eu dormi durante o...

Será?

- É. Aconteceu de novo. Eu dormi.

Você já sabe o que fazer então.

- Droga. Tava louco pra continuar dormindo. Agora vou ter que “dar um talento” logo de manhã.

Não se esqueça de escovar os dentes.

- E essa pra completar. As mulheres exigem demais da gente...

Juliana, está Tudo Acabado!

Assim foi o brado retumbante de Roberto, 25 anos, arquiteto. Ele estava cansado, passado, diria até amanteigado. A relação estava desgastada, o respeito mútuo tinha ido por água abaixo. Depois daquele fim de semana em Boissucanga, as coisas não poderiam continuar.

- Eu acho o Rô e a Ju juntos tão lindos.

Assim foi a doce fala de Melissa, 22 anos, ainda não sabe. Ela sempre deu a maior força para os dois. Amiga inseparável de Mo(torola), 2 meses, celular. Sempre o usava para ligar para o Rô. Mas desde a última ligação não conseguiam mais conversar como antigamente. Ele não era mais amigo dela. Também, depois do acontecido na praia, como seria?

- Larga logo essa vagabunda.

Assim foi o grunhido alcoolizado de Mateus, 23B (porque 24 pega mal), quase formado em desenho industrial. Vai deixar de beber com os amigos pra ver uma mina? Ainda se for rolar um rala e rola, quem sabe. Essas minas estão muito embaçadas hoje em dia. Ainda lembra das duas horas perdidas tentando algo com aquela mina do celular lá na praia. Mina fresca. Aliás, que porcaria de fim de semana, o Roberto tava chato pra caramba. O Mateus teve que ir beber sozinho.

- Beto, pára com isso.

Assim foi a resposta controlada de Juliana, 25 anos, arquiteta. Ela acha que é besteira. Que tudo isso é coisa de convivência. Eles teriam que se habituar com esse tipo de coisa. Um ajuda o outro seja como for. Tem coisas que você só aprende fazendo a bobagem.

- Mas como você foi falar aquilo?

- Desculpa, não achei que você ia levar pra esse lado.

- Ainda mais na frente do Mateus.

- Ele nem viu, tava bêbado como sempre... Você não viu que ele estava conversando com o abajur?

- Ele tava falando com a Melissa.

- Não depois que ele perguntou se ela curtia um sexo grupal.

- Tá bom, não vamos mudar de assunto. Eu te perdôo, mas nunca mais diga que eu dou para um bom cozinheiro.

- Mas o almoço tava tão bom.

- JULIANA!!!

Homem de Família

Todos no bar se viraram para olhar aquela mulher que entrava assim tão bruscamente. Sem levantar a cabeça, Jorge, que tomava seu chopinho sagrado de sexta, apenas olhou de soslaio. Nunca a vira antes, mas era o seu tipo de garota. “Essa é pra casar!”, como ele costumeiramente falaria. Ela parecia procurar alguém. Ao bater os olhos em Jorge, não teve dúvidas, ajeitou seu vestido florido, pôs o dedo em riste, caminhou em sua direção com ar indignado e esbravejou:

- Jorge! Seu putto! Você esqueceu de pegar o nosso filho no colégio de novo! Não quero mais ouvir suas desculpinhas! Volte já para casa e peça perdão para ele!

Jorge, 34 anos, nunca havia se casado, nunca havia tido filho algum (pelo menos não que ele soubesse) e menos ainda havia prometido buscá-lo no colégio (de novo). Apesar disso, mantinha a cabeça baixa. Vinha de uma família tradicional do interior paulista e desde a infância aprendera os valores familiares. Casar na igreja, respeitar a esposa, dar o máximo para os filhos, todas aquelas coisas que ensinavam nas aulas chatas de catequese, aos sábados. Jorge admirava seus pais por conseguirem seguir tal cartilha ao pé da letra. Quarenta anos de casados e ainda se amavam, se namoravam, passeavam de mãos dadas. Jorge cresceu com aquele sonho de infância de encontrar alguém, constituir família e (como diria Belchior) ser como seus pais.

Mas algo deu errado no caminho. Virou um *bon vivant* de primeira. *Playboy*, almofadinha, filhinho-de-papai, mimado, é só escolher. Desconhecia a palavra “relacionamento”. Solteiro convicto. Comeu famosas, chutou modelos, destruiu lares, produziu muitas lágrimas desiludidas – sem se arrepender em momento algum. Aproveitar a vida. Liberdade. É tudo que um homem deseja. Agora vem uma louca qualquer cobrando desculpas para um filho que nunca teve?

Jorge terminou de beber o último gole de seu chope, respirou fundo, pensou em seus pais e, resignadamente, respondeu com voz pesarosa:

- Sim, senhora.

Todos do bar acompanharam a figura cabisbaixa sair atrás da mulher. Há quem diga que, apesar disso, conseguiram ver um discreto sorriso no rosto de Jorge.

Feliz Natal

Era um domingo qualquer. Daqueles de julho, bem frios. Ademar acordou radiante, pôs-se prontamente em pé e abraçou a mulher.

- Feliz Natal, Ritinha!
- Natal? Tá louco, Ademar? Estamos em julho ainda!
- Por isso que te amo: por causa do seu senso de humor. Agora acorda as crianças para abrir os presentes.
- Que presentes, Ademar Augusto?
- Aqueles que colocamos debaixo da árvore, oras!
- Nós não colocamos presente nenhum!
- Ah, ceeeeerto... *Nós* não colocamos... Foi o "Papai Noel", claro.
- Não temos mais nem árvore de Natal!
- Temos, sim senhora! O que é aquilo então?
- Você quer dizer aquele patético pinheiro seco que o senhor ficou de jogar fora há seis meses, sempre com a desculpa "semana que vem eu jogo"?
- Não vamos brigar. É época de alegria.
- Olha o calendário, Ademar!
- Jingle Bell, Jingle Bell, acabou o papel...
- Ai, meu Deus! O que deu nesse homem?
- ...não faz mal, não faz mal, limpa com jornal... Ainda sobrou o peru de ontem?
- Ontem comemos feijoada.
- Feijoada na véspera de Natal? O que deu em você, Ritinha?
- Sábado é dia de feijoada. E ontem não foi véspera de Natal!
- Credo, que mau-humor. Desse jeito o Papai Noel não vai te dar presente algum.
- Que Papai Noel, mané? Você bateu a cabeça? Estamos em julho! JULHO! Em pleno inverno! Não está sentindo o frio?
- Ué? Mas não é inverno no Natal? Não tem até neve?
- Isso lá no hemisfério norte! Não se lembra no ano passado? Você estava morrendo de calor debaixo daquela fantasia ridícula de Papai Noel.
- Claro que me lembro. Mas isso foi ontem, não foi?
- Não, Ademar, não foi ontem. Ontem comemos feijoada, você teve uma indigestão. Passou o dia inteiro no sofá, vendo jogo e arrotando toicinho!

(pausa para catarse reveladora condicionada pelo toicinho)

- É verdade! Agora pára com essa babaquice de Natal e época de alegria e o escambau!
- ...mas... mas deve ser Natal em algum lugar, não?
- Não!
- ...e o fuso...
- Não, Ademar!
- ...eu comprei este presente pra você...
- Ah, Ademar, não precisava... Feliz Natal pra você também...

Meleca

A Verinha está profundamente irritada com o Rogê. O motivo? O Rui. O Rui é um daqueles amigos pré-casamento do Rogê que sobreviveu ao namoro, noivado e casamento, o que o torna um dos maiores fracassos dela. Não bastasse a gravidade do fato, o Rui ainda parece fazer questão de lembrá-la disso.

Como agora, por exemplo. Além de teimar em manter contato, pega e inventa de aparecer às cinco e meia da manhã de uma quarta-feira. Para ela, as lágrimas do bêbado do Rui não tinham outra explicação senão um lampejo de lucidez que fez com que ele localizasse entre os obituários do jornal a notícia de falecimento da sua dignidade. Já o Rogê estava preocupado com o amigo. Quando o Rui lhe mostrou o jornal, então, passou de preocupado a abalado. Bem abalado. Ela nunca tinha visto os olhos do Rogê tão cheios d'água.

No carro, a caminho do velório, a Verinha se recusava a acreditar que tinha sido arrancada da cama por causa do Meleca. Era só ver o estado do Rui para saber o tipo de exemplo que o Meleca tinha sido. Mas quem olhasse para aqueles dois ia pensar que hipnotizar hordas de crianças todas as manhãs com um boneco foi um marco, que não houve melhor manipulador de fantoches que o Meleca, que o Meleca revolucionou os programas infantis. Pior, perigava acreditar que um verdadeiro levante foi interrompido quando a mão por trás da lenda foi afastada do “MelecaMais” e outros dedos assumiram o manto. Esse foi o único momento em que a voz dos dois saiu firme, trocando as lamúrias pela indignação. Todos sabiam que o Meleca tinha sido contra as Melequetes e seus figurinos apelativos desde o início. Todos sabiam que por trás daquele fantoche havia um homem e sete dedos com necessidades. Dadas as circunstâncias, o Rogê e o Rui consideraram não só injusto, mas de muito mau gosto dispensar um homem com uma esposa e uma Melequete grávidas para sustentar. Impressionados com a coragem do Meleca em desafiar os limites pequeno-burgueses da sociedade, os dois adolescentes não puderam deixar de condenar o mundo que ali estava, e que agora está aí, ó.

Quase vinte anos depois, ao contrário do Meleca, coitado, a história ainda estava bem viva para a dupla. Isso só deu contornos ainda mais lamentáveis à narrativa da sua tia-avó, a única pessoa velando pelo finado artista. Abandonado por suas mulheres, o Meleca mudou-se para o quartinho dos fundos na casa dela. Ia ficar ali até a poeira baixar e poder retomar a carreira, mas parece que o tempo foi passando e o pó assentou nele. Se enterrou no puxadinho por décadas, até finalmente morrer. Do coração, claro.

A Verinha acompanhava a história da porta. Também estava mortificada, mas não pelos mesmos motivos. Ela agüentou até deixarem o Rui no ponto de ônibus. Aí não conseguiu mais segurar e comentou sobre a admiração do Rogê pelo Meleca. Mesmo depois de tantos anos, mesmo devendo saber, não tinha idéia do quanto aquela figura era importante para ele. Talvez, explicou, porque sempre que a sogra comentava sobre sua fascinação pelo Meleca o Rogê dizia que era exagero. Como naquela vez que ela contou sobre o Meleca que, depois de muita insistência, tinha costurado para o filho. E que o Rogê jurava de pés juntos não existir. Por isso, mas só por isso, que estava tão surpresa. Não tinha entendido direito de onde surgiu aquele fantoche que ele e o Rui colocaram com tanta reverência na mão direita do morto enquanto ela se perguntava sobre que outras bobagemzinhas o marido andava mentindo.

O Chamado

Madrugada de sábado. Toca o telefone na residência Prestes.

- Querida...
- Hnf... ai, a essa hora...
- Querida, o telefone está tocando.
- Hum... eu sei, atende aí...
- Eu atendo, se você me disser onde está o telefone.
- Brmfl... não sei... que chatice... atende logo, vai...
- Querida, cadê o telefone?
- Ai, que barulho irritante...
- Maria Elisa, me fala onde está a porcaria do telefone! Eu preciso atender!

A sra. Prestes murmura algo incompreensível e se vira para o outro lado. O sr. Prestes atira os lençóis para longe e salta da cama. Começa a revirar o quarto à procura do telefone, que continua tocando.

- Maria Elisa, é a última vez que eu vou perguntar: cadê o telefone?
- Fbrlrl... não lembro... acha logo...
- Quantas vezes já falei para não esconder o telefone?
- Ai, mas é insuportável... fica tocando toda hora...
- Claro, Maria Elisa! Você devia ter pensado nisso antes de casar com um paramédico!
- Humbf... não grita... acha logo esse treco que eu quero dormir...
- Você podia colaborar, né? Onde você pôs? Fala! Deve ter gente morrendo por sua causa!
- O Marquinhos era dentista...
- E daí? O que tem a ver o babaca do Marquinhos com o telefone? E dentista também tem que atender à noite, ouviu? Vai que cai uma obturação, estoura um canal...
- Atende logo que tem gente morrendo.
- Eu vou ser demitido, Maria Elisa! Cadê a droga do telefone?!

Num gesto de raiva, o sr. Prestes abre o armário e começa a despejar no chão o conteúdo das gavetas. O telefone incansável desponta no meio de uma pilha de calcinhas.

- Pronto, Prestes falando, onde é a emergência?
- Oi, pai, sou eu.
- Ah! Filho. O que aconteceu?
- Não, nada não, a gente tava saindo da festa e a bateria do carro pifou, então vou dormir por aqui.
- Ah, tá, tudo bem então. Se cuida, hein?
- Pode deixar. Té mais, pai.
- Tchau.

O sr. Prestes suspira profundamente. Contempla o rastro de desordem que espalhou pelo quarto. Arrasta-se de volta para a cama e começa a procurar uma posição para dormir.

- Agenor?

- Hnf...
- Que aconteceu com o Filipe, Agenor?
- Humbl... nada não...
- Fala, homem! O que houve com ele? Ele tá bem?
- Nada... o carro...
- Ai, meu Deus! Carro não! Foi acidente? Ele bateu? Deixa eu falar com ele! Acorda, Agenor! Deixa eu ligar no celular dele! Me dá o telefone!
- Brmm... tô dormindo...
- Acorda, homem, eu preciso telefonar!

A sra. Prestes levanta desesperada, calça as pantufas e olha aflita em torno de si.

- Agenor, você escondeu o telefone?

Conversa de Casal

Um casal sentado numa mesa de restaurante observa, em absoluto silêncio, uma suculenta perna de cabrito. Dez, quinze, vinte minutos e o silêncio continua dominando a conversa.

Ela, finalmente, corta a perna (do cabrito, é claro), meneando ligeiramente a cabeça para a direita. Aliás, nunca entendi porque e as mulheres fazem isso quando estão contrariadas.

Ele pára por minutos, olhando para a perna (do cabrito!), como que procurando uma resposta para aquela situação tão constrangedora. O garçom se aproxima:

- Os senhores estão sendo bem servidos?
- Sim, responde ela.
- Que foi?!, retruca o marido, como se tivesse sido atacado pela esposa.
- O serviço... Ele falou do serviço.
- Ah... tá... Tudo continua normal por lá. O Waldemar continuar transando com a secretária do diret... peraí! Ele “quem” falou do serviço?!
- O garçom, meu amor, responde a mulher, com a cabeça ainda mais inclinada.
- Que garçom?
- O garçom!
- Pois não..., retruca o funcionário do restaurante, já assustado com o volume da voz da contrariada senhora que gritava pelos seus serviços.
- Não é nada. Me desculpe. Eu estava falando com ele, responde a mulher, apontando para o marido.
- Mas o serviço, madame. Vocês estão gostando do serviço?
- Olha, meu querido. Meu serviço não é lá grande coisa, mas dá pra pagar todas as contas e ainda guardar um pouco, caso haja alguma eventualidade. E tem o Waldemar, que come a secretária do diretor, mas apesar desses deslizes é um bom companheiro, responde o marido, sem nunca tirar os olhos da perna (do cabrito).
- Olha, meu bem, não liga para ele não, diz a mulher, se desculpando para o garçom.
- Não, não... até que achei o rapaz educado, responde o marido, mais uma vez, atravessando a conversa.
- Ok, muito obrigado, murmura o garçom, saindo de fininho.
- Não estou falando com você, diz a mulher.
- Então com quem, ué?, o marido.
- O garçom...
- Quem?
- O garçom!
- Pois não..., aparece um segundo garçom na mesa.
- Ah, não! Hoje tá difícil, diz a mulher, esfaqueando a perna ao invés de cortá-la (sempre falando do cabrito...).
- Algum problema com o serviço, senhores?, diz o novo garçom, um pouco constrangido.
- Não, não... não é o melhor serviço do mundo, mas dá pra pagar todas as contas e ainda guardar um pouco, caso haja alguma eventualidade. E tem o Waldemar, que come a secretária... mais uma vez, o marido.
- CHEGA!, grita a mulher, enfurecida. Não agüento mais! Precisamos rediscutir nossa relação.
- Como...?, pergunta num sussurro tímido o garçom.

- Agora é com você, meu querido, mais uma vez, o marido, se dirigindo ao garçom. Se bem que, na minha opinião, se ela não gosta do serviço, não precisa fazer esse escândalo todo, é só não pagar os 10% e pronto.

- Meu amor, não agüento mais! Tira seus olhos dessa maldita perna e fala, pelo menos uma única vez, algo que faça sentido!, clama, desesperada, a esposa.

- Sentido..., diz ele, com o olhar finalmente deslocado da perna (do cabrito, já completamente fria depois de tanto tempo).

Depois de um breve silêncio pensando, com um olhar triunfante, que começara a confortar a ainda esperançosa mulher e o desesperado garçom, diz o marido:

- Sentido, hmmm, deixe-me ver? Bairro-Centro... Isso mesmo!

Lendas Urbanas

Márcio era casado com Márcia, coincidências da vida, talvez até uma brincadeira de mau gosto, mas era assim; Márcio e Márcia, sempre juntos. Isso já era motivo de constrangimentos. Há cinco anos isso fazia parte de uma corriqueira situação, já conheciam todo o tipo de brincadeira ou piadinha, mas a educação sempre lhes deu um sorriso como resposta mais imediata.

Márcio não era assim um galã cinematográfico, muito menos o mocinho da novela das oito. Modesto quanto a beleza, era um sujeito simples e divertido que adorava sair com os amigos pra contar histórias e reviver peripécias do tempo de ginásio. Foi em uma destas saídas que Márcio conheceu Márcia. O Dudu que apresentou: Márcio, Márcia – e foi instantânea a brincadeira e os sorrisinhos.

Márcia era bastante humilde quanto a sua possível semelhança com Gisele Bündchen ou qualquer outra *sex symbol*, na verdade ela estava mais pra espanta-solução que pra modelo e atriz. Passando na frente de qualquer obra ela já havia se acostumado a ouvir alguma coisa como “chuta, chuta que é macumba!”, mas nunca dera bola pra essas coisas, afinal o importante é ser bonita por dentro. Balela. Mas no fim, eu diria que formavam um casal excêntrico. Até que jeitosinho.

O único consolo do casal era que pelo menos o filho estava garantido. Foi, então, que o rebento nasceu. Marcelo era o nome – e qual outro seria? Surpresa! O moleque era feio, mas feio que não acabava de tanta feiúra. As pessoas vinham todas felizes esperando encontrar um bebê lindo e sorridente – é, além de feio era mau humorado – e encontravam Marcelo. Para Márcia foi a gota d’água.

- Mas Márcia...
- Pra mim já chega, era só o que me faltava.
- Mas querida o que é que está acontecendo?
- Você sabe muito bem o que está acontecendo...
- Não sei n...
- O que está acontecendo é que o nosso filho é feio demais.
- Mas meu amor o que importa é que estamos felizes...
- Eu sou feia! Você é feio! Porque o nosso filho não saiu lindo?
- O que é isso? Porque ele dev...
- Vai falar que você não conhece a história que pais bonitos filhos feios, pais feios filh...
- Calma meu amor... ei? Como assim pais feios?

Pelo Caminho

- Passou.
- Hã?
- Você perdeu a entrada. Era para ter virado ali.
- Ah, não, fica tranqüilo. Tou fazendo outro caminho.
- Ah!
- O que?
- Pensei que a gente ia fazer aquele.
- Não, eu queria ir por esse aqui mesmo.
- Certeza? Achei que a gente tinha combinado de ir pelo outro.
- Não combinamos, não.
- Combinamos, sim. Se não tivéssemos combinado, eu é que estaria dirigindo.
- Ai, que inferno. Qual a diferença?
- O outro caminho era mais curto
- E daí?
- Daí que a gente ia chegar mais rápido
- Lá tem mais trânsito, e aqui tá livre. Ia dar na mesma.
- Sei.
- Sabe qual o seu problema? É que você quer tudo do seu jeito.
- Do meu jeito?
- É. Tanto faz se demora mais ou menos. O que importa é fazer o que você quer.
- Engraçado... Não lembro da última vez que consegui fazer o que eu queria...
- Ô, dó. Coitado de você.
- Para você ver. Olha agora, por exemplo. Se fosse tudo como eu quero, eu não ia estar aqui, sofrendo no banco de passageiros...
- O que é agora? Tá apelando? Falando que eu dirijo mal?
- Não falei nada. Mas só deixei você dirigir porque prometeu que ia pelo caminho mais curto.
- Como assim, “me deixou” dirigir? Eu dirijo quando eu quero! E dirijo bem, se você quer saber!!
- Tá, fala isso para a seguradora.
- Típico. Um imbecil não pára no sinal vermelho e a culpa é minha. Mas tudo bem. Não dava para esperar outra coisa mesmo. Nada do que eu faço nunca tá bom para você. Só sirvo para você se sentir o maioral, o gostosão.
- Tá. Ahã. Como se desse para alguém se sentir assim vivendo com você. Só fica aporrinhando, não dá sossego... E não agüenta crítica nenhuma.
- Quer saber? Não vou discutir. Vou ficar quieta.
- Finalmente falou alguma coisa que presta. Só mais uma coisa: a gente tinha combinado de vir pelo outro caminho, sim.
- Se você quer tanto fazer o seu caminho, por que não pega um táxi?
- Como se taxista fizesse o caminho que o passageiro prefere...
- Sério! Paro agora e você desce. Que tal?
- Ah, para quê? Não precisa parar para isso, não!
- Mas o qu –
- Só pulando pro meu lugar.
- Quer fazer o favor de voltar para o banco da frente?
- Não, não, tudo bem. Fico de passageiro aqui atrás, quietinho. Pronto! Tudo certo! Eu continuo pagando a corrida, mas não mando nela, olha só!

- É assim, então, é? Você pens –
- Cuidado que se você se distrair, erra o caminho.
- Você vai ver! Agora eu não poss –
- Ei, ei, ei! Prefiro a viagem sem conversa com o motorista, ok?
- O senhor é quem manda, senhor. Vou ligar uma musiquinha, então, se o senhor não se importa, senhor.

Espumando de ódio, ela ligou o rádio rápido, antes que ele pudesse falar alguma coisa, e deixou no primeiro batidão que encontrou. Nenhum dos dois deu um pio pelo resto do trajeto. Mas mesmo assim já tinham concordado com o caminho que deviam tomar na volta: cada um o seu.

Epílogo

Final de caso. Reencontro. Acerto de contas.

- Vim pegar minhas coisas.
- Já imaginava que você viria. Deixei tudo separado. Se você não se importar, gostaria de ficar com os discos dos Beatles.
- Claro, sem problemas. Você quem sempre escutou mais. Só gostaria que você me deixasse o *Revolver*. Sabe como é, tem “Eleanor Rigby”.
- Ok, pode levar. Deixando o *Abbey Road*, para mim já está ótimo.
- Pode levar o resto. Só quero o *Revolver* mesmo.
- ...
- Poderia ter dado certo, não é?
- É, tudo culpa da Yoko.
- Não, eu quis dizer, a gente.
- Ah, é. Mas quem disse que não deu? Foram dez anos maravilhosos.
- Pois é. Nos divertimos muito. Onde foi que erramos?
- Tomamos rumos diferentes. Acho que cada um queria ter sua própria vida.
- É, acho que sim... Ei, não vai querer nenhum do Pink Floyd?
- Não, pode levar todos.
- Tem certeza? Nem o *Wish You Were Here*?
- Tenho certeza. Para ser bem sincera, eu nunca fui muito fã do Pink Floyd.
- Hã?
- É, eu nunca gostei muito. Achava meio chato.
- Mas e todas as vezes que escutávamos juntos?
- Ah, eu escutava porque você gostava.
- E... e quando fomos para o show deles em Londres?
- Foi legal. Mas mais pelo show que pelas músicas em si.
- E quando o Roger Waters deixou a banda? Ficamos de luto por quase um mês.
- Na verdade eu estava dando pulos de alegria por dentro.
- Não! Não com o Roger Waters!
- Pois é, eu achava ele pretensioso demais. Odiei o *The Wall*.
- Ninguém fala mal do *The Wall* na minha frente! Não é pretensioso! É eloquente! É genial! É... é...
- É chato!
- ...
- Desculpe... Mas é o que eu realmente acho.
- Moramos juntos por quase dez anos e agora descubro que realmente não conhecia você. Te respeitava por tudo que você foi, por tudo que passamos, pela pessoa maravilhosa que pensei que fosse. Percebo agora que me enganei.
- É só uma banda.
- “Só uma banda”? Que desprezo é esse? É “A” BANDA! *Dark Side of the Moon* revolucionou o rock! Foi o primeiro álbum a usar o sistema quadrifônico! E *Animals*? Ou *Atom Heart Mother*? É fantástico! Não me venha com essa de falar que é só uma banda!
- Pára de fazer escândalo por causa dessa bobagem!
- Escute aqui, eu gostava de Pink Floyd muito antes de imaginar que pudesse um dia te encontrar. Gostava de Pink Floyd antes mesmo de gostar de meninas!
- Não acredito que você ache essa bandinha de quinta categoria mais importante que eu!
- Não fale assim da maior banda de todos os tempos!

- Bandinha de quinta mesmo! Dá sono só de pensar naquelas musiquinhas chatas!
- Ah, cala a boca!
- Bandinha! Bandinha! Bandinha! Sempre achei ruim! E agora finalmente posso falar! E quer saber mais? Eu te traía com seu melhor amigo, o Davi! Escutou bem? EU TE TRAÍA COM O DAVI!
- ...
- Olhe... Eu... Não...
- Não... Não fala mal do Pink Floyd...

Agora, organizando

Ricardo

Ricardo Casale Laganaro. De família desde 1979. Formado duas vezes em Publicidade, trabalha com cinema, mas entende mesmo de X-Salada. Não bebe, não fuma, não aceita balas de estranhos e, ainda assim, costuma ficar bêbado com refrigerantes numa mesa de bar.

Homem é Tudo Igual
Dia das Bruxas
Sincronizando Relógios
Putá Mancada
Sala de Espera
Hein?!
Verdades Inteiras
Uma Noite Qualquer
Conversa de Casal

Kris

Cristiano Alves de Arruda, “oito ou oitenta” prescrito em 1979 e formado em propaganda e marketing em 2000. Indicação : soluções criativas, eventos automobilísticos, pólos de consumismo, mesas de bar, cinema com namorada e discussões de relacionamento. Efeitos Colaterais : ciúme exagerado, verdades doloridas e teimosia sazonal.

Como o Beckham se Entende?
Heléxia
Gastro-psicologia
Roberto, o Homem Ideal
Confirmando o Pedido
OI, RÊ!
Sai, Sai, Sai
Só um Bombom...
Imaginário Popular
Ontem
Juliana, está Tudo Acabado

Rafael

Rafael da Paixão Uyeda, nipo-luso-brasileiro modelo 1977 (isso deve explicar muita coisa). Sempre sonhou em ser astronauta, bombeiro ou presidente. Acabou publicitário... hoje, escreve.

Ela
A Mulher do Chefe
Lendas Urbanas

Volponi

Rodrigo Volponi Leal, a sutileza em forma de gente desde 1979. Publicitário, interneteiro e aspirante a batuqueiro do Olodum. Gosta de tulipas em vaso de barro e de falar só quando tem certeza.

Esquisitices
Genes
The Piano Has Been Drinking
Aêêêêêê
A Mulher do Walter

Paulo

Paulo Coelho Mendes, desiludido safra 1979. Formado em Publicidade pela faculdade e desde o berço para discutir. Relaxa lendo relatórios de pesquisa de comportamento humano, mas, inexplicavelmente, leva comédias românticas muito a sério.

Seqüestro Relâmpago
Negociação
Connaisseurs
Senso de Humor
Meleca
Pelo Caminho

Leopoldo

Leopoldo Joe Nakata, indeciso desde 1978. Ex-publicitário, ex-diretor de arte, ex-designer, ex-webdesigner, ex-ilustrador, ex-engenheiro chefe de castelinhos de areia, ex-quisito, ex-tranbo. Atual cineasta e cronista. Ainda está por descobrir sua verdadeira vocação. Afinal, alguma coisa deve fazer bem.

Coisas desse Mundo Moderninho
Burocracias
Infidelidade
Questão de Sobrevivência
Vida Boêmia
Promessa
Recomeço
Um Homem de Família
Feliz Natal
Epílogo

Murilo

Murilo Boudakian Moysés, curto e grosso desde 1979. Publicitário. Alcoólatra. Comunicador. Empresário. Quería mesmo não fazer nada.

O Último Refúgio Masculino

Cores

Dia Mundial do Orgasmo

Flores

Zé

José Ignacio Coelho Mendes Neto, introspectivo desde 1978. Formado em Direito, deformado em Filosofia. Apesar de tudo, ainda acredita na bondade do ser humano. Leva maçãs para comer na mesa do bar.

Resoluções

É Óbvio

O Chamado

Hermínio

Hermínio Muchon Filho, 1979, único. Formado em Administração. Começou com a brincadeira mas depois esqueceu o brinquedo na casa dos amigos. Vive no Hermundo. Escreve no site para desabafar.

Cronistas leitores e colaboradores do site

Adriana Alves Franco, Adriano Fernandes, Alessandra Cury Marinho, Alexandre Camargo, Alexandre Ramos, André Bizzerganian, Anna Schmidt (Anninha), Antonio Garcia Jr., Bárbara H., Benigno de Lima Ribeiro, Camila de Freitas, Camila Faria, Camila Martins de Carvalho, Carol Abigati, Charles Nunes, Cleber Lopes, Daniel Jorge, Daniel Neves, Daniela Abade, Diego Nardo, Eco Moliterno, Eduardo Amodio, Elisa Gergull, Erik Arruda, Fabiane Secches, Felipe de Paula Souza, Fernanda Nascimento Pacheco, Gisela Cesário, Glauco Mattoso, Guilherme Pita (Jacaré), Gustavo Tavares, Ivana Cordeiro de Morais Barbosa, José Pedreira, Jayme de Oliveira Filho, Jean Masaoka, João Marcelo Simões, José Giolo Filho, Juliana Furtado, Juliana K, Leo Saito, Leonardo Lobianco, Liliane Moreira Ramos, Marcelo “Lobão” Gomes, Luciana Hakozaki, Luciana Zamprogne Chagas, Luciano Negreiros, Luigi Marnoto, Luiza Wainer, Luli Radfahrer, Marcelo Nogueira, Marcelo Torres, Márcia Fumo, Marco Kedouk, Maurílio Alves Neto, Moacyr Rodrigues, Nilton Pimentel de Toledo, Patricia Zayat, Paulo Andel, Paulo Lot Calixto Lemos, Paulo Vasconcellos, Pedro Coelho, Raquel Machado, Renata Fenyö, Renato Cabral, Renata Natacci, Rica Urso, Ricardo Bollier, Robson Rosa, Rodolfo Valente, Rodrigo Affonso Monzillo, Silvia Camossa, Sylvia Sanchez, Thiago Marés, Vanderlei da Bahia, Vanessa Alves de Arruda, Vinicius Barreto, Wagner Mauricio Sanaiote, William Mendonça.